

CAROLINA NATAL DUARTE

TRAVESSIAS RASGADAS:

Processo Criativo para a produção de um vídeo-dança a partir das memórias frágeis de um corpo que dança

Dissertação apresentada ao Departamento de Multimeios, do Instituto de Artes, da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do Título de Mestre em Multimeios.

Área de Concentração: Cinema ficcional – história e processos criativos.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elisabeth Bauch Zimmermann.

CAMPINAS

2007

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP

D85t Duarte, Carolina Natal.
Travessias rasgadas: Processo criativo para a produção de um Vídeo-dança a partir das memórias frágeis de um corpo que dança / Carolina Natal Duarte. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador: Elisabeth Bauch Zimmermann.
Dissertação(mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Vídeo-dança. 2. Corpo. 3. Fragilidade. 4. Memórias- Aspectos psicológicos. I. Zimmermann, Elisabeth Bauch. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

(em/ia)

Título em inglês: " Torn crossings: creative process for production of a video- dance from fragile memoirs of a dancing body ".

Palavras-chave em inglês (Keywords): Vídeo-dance. Body. Fragility. Memories-Psychological aspects.

Titulação: Mestre em Multimeios

Banca examinadora:

Prof. Elisabeth Bauch Zimmermann

Prof. Fernando Passos

Prof. Adilson Nascimento de Jesus

Prof. Verônica Fabrini (suplente)

Prof. Beatriz Ferreira Pires (suplente)

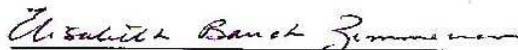
Data da Defesa: 20-08-2007

Programa de Pós-Graduação: Multimeios

Instituto de Artes

Comissão de Pós-Graduação

Defesa de Tese de Mestrado em Multimeios, apresentada pela Mestranda Carolina Natal Duarte - RA 991512 como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre, perante a Banca Examinadora:



Profa. Dra. Elisabeth Bauch Zimmermann
Presidente/Orientadora



Prof. Dr. Antonio Ferrnando da Conceição Passos
Membro Titular



Profa. Dra. Beatriz Helena Fonseca Ferreira Pires
Membro Titular

À minha família.

Agradecimentos

Minha linda família, meu eixo mais firme que me ensinou a voar.

Meus pais: meu exemplo, meu orgulho.

Meus irmãos: um pouco de mim, um pouco de todos nós, nos guiamos juntos.

Minha orientadora, pela confiança.

Meu amigo Marcos, companheiro e sensível às minhas percepções.

Aos amigos Izabel Goudart e Javier Cencig, pela presença, amizade e dedicação ao dia da gravação. Sou muito grata por este grande dia!

Ao músico Ricardo Botter Maio por ceder suas belas trilhas para compor o silêncio dos meus movimentos.

Mestre Fernando Passos que, mesmo à distância, esteve presente incentivando-me a ser autêntica a mim mesma.

Silvia Mamede, pela generosidade em ler cuidadosamente minhas palavras.

A todos os amigos que estiveram próximos de mim neste momento de grandes transformações.

Ao pessoal da Secretaria, em especial ao Josué Samuel, que sempre esteve presente para orientar-me.

À CAPES pelo auxílio financeiro.

“...para exprimir o inefável, o evasivo, o aéreo, todo escritor tem necessidade de desenvolver temas de riquezas íntimas, riquezas que têm o peso das certezas íntimas.”

Bachelard (1990, p. 274)

Resumo

A presente dissertação, vinculada à linha de pesquisa Cinema Ficcional e Processos de Criação, teve como objetivo a criação de um vídeo dança ligado às memórias medrosas de um corpo frágil que teve de resgatar sua coragem. As reflexões aqui abordadas referem-se às travessias deste corpo, vinculadas ao simbolismo da água, trazendo-me imagens que foram essenciais para a construção do roteiro deste vídeo, entre elas, a escolha do espaço que dialoga com meu corpo e com minhas memórias, a elaboração do figurino que complementa minhas intenções frágeis e a composição sonora que preenche o silêncio dessas memórias. Nessa trajetória, preocupei-me em resgatar essas memórias, organizando-as para reconstruí-las em forma de dança na linguagem do vídeo, evidenciando a transformação ocorrida em meu corpo diante das minhas travessias.

Palavras-chave: vídeo-dança - corpo - fragilidade - memórias:
aspectos psicológicos

Abstract

This dissertation, which comprises a line of research into Fictional Cinema and the Processes of Creation, creates a dance video of the frightened memories of a fragile body that has had to recover its courage. The reflections dealt with here refer to this body's journey, tied in with the symbolism of water, creating images that were essential to the construction of this video script, amongst which are the choice of space which enters into dialogue with my body and my memories, the creation of the costume that complements my fragile intentions and the composition of the soundtrack that fills the silence of these memories. Along the way, the concern was to recover these memories, organizing and rebuilding them in the form of dance using the language of video, demonstrating the transformation that took place in my body during the journey.

Key words: video-dance - body - fragility - memories: psychological aspects.

Sumário

1. Introdução.....	1
2. Capítulo I – O Poço	
Um vazio, um silêncio, quietude conquistada.....	9
3. Capítulo II – Travessias	
3.1 A descoberta da ausência: meu corpo fora de mim.....	25
3.2 Lembranças fechadas: um olhar desconfiado.....	46
4. Capítulo III - Reflexo da água	
4.1 Medo de ter medo.....	59
4.2 Sombras e o meu sertão.....	70
5. Capítulo IV – Água	
Travessias Rasgadas.....	81
6. Percepções: o fio que conduz o balde.....	97

Referências Bibliográficas.....	103
Anexos.....	105
Roteiro.....	107

1. Introdução

Este texto trata do resgate de um dos momentos da trajetória que tracei em minha vida, momento esse que fortalece a singularidade do meu fazer artístico, que se expressa por meio da dança.

Uma vez que me proponho a realizar um projeto de pesquisa que tenha relação com a minha dança, preciso submeter-me à escrita de como se concretiza meu pensamento quando sou movida a dançar. Dessa forma, este texto retoma uma das vertentes dessa via, elucidando os caminhos do processo criativo para a realização do vídeo dança: “Travessias Rasgadas”.

Ao iniciá-lo só tinha uma certeza: queria trazer minhas referências ligadas à fragilidade. Demorei a conseguir encontrar um caminho pelo qual eu conseguisse expressar-me registrando, por meio de palavras, algum pensamento que demonstrasse essa fragilidade.

Convicta dessa única certeza, esbocei alguns rabiscos que, por algum tempo, permaneceram vagos e ainda distantes de mim mesma. Depois de alguns tropeços é que compreendi que, para dialogar com esse tema, precisaria aproximá-lo das minhas próprias impressões.

Ainda na instigante busca de um trilhar que tivesse os fundamentos cravados nas minhas verdades, descobri que, para falar sobre o frágil que, de certa forma estava em mim, eu precisaria despir-me de todas as proteções que pudessem me impedir de olhar para mim mesma, tal como sou.

Para ver-me “nua”, eu precisaria assumir não só minhas fragilidades como manter-me transparente e fiel a essas verdades.

Diante de tal desafio pessoal, além de ter que verbalizar no papel o que me move a desenhar movimentos no espaço, optei por descrever os fatos que deixaram rastros em minha pele e em minha alma, impregnados em minha dança. Tais memórias são tão fortes e tão significativas que, ao entrar em contato com elas, me emociono duplamente: por tê-las vivido, e por revivê-las no ato de reorganizá-las para contá-las e dançar.

Dando continuidade a esse pensamento, este texto pretende trazer todas as imagens, relacionadas ao frágil, que se constituem em uma memória impressa em meu corpo, enraizada vivamente em toda a minha forma de expressão, e as quais optei por descrever, de maneira que elas poderão ser apreciadas em sua recriação na linguagem do vídeo-dança.

Para trazer essa história de maneira tão viva, sendo fiel às sensações que ressoavam em mim na época, percebi que seria inevitável um mergulho nos rastros que sobraram, os quais me conduziram ao cerne do que eu me propusera a narrar: a fragilidade.

O processo de desvelamento interior fez-me descobrir que o frágil, ininterruptamente registrado na minha pele, era uma brisa da minha grande neblina: o medo.

Essa neblina desnordeou-me por muito tempo, permitindo que, mesmo pequena, a brisa se transformasse em tempestade em questão de segundos. O descompasso traçado por essas explosões emocionais transbordava os meus contornos corporais, obrigando-me a buscar uma força motriz, individual, que fosse capaz de suportar aquela situação que se me apresentava de forma movediça.

Essa força que desaguava sobre mim fez-me atravessar a neblina e a brisa, depois de muitas tentativas, impelindo-me ao encontro da minha própria coragem!

Ao deparar-me com duas grandes forças que mobilizaram meu aspecto frágil, o medo e a coragem, encontrei no livro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (1974), uma história que trouxe ressonâncias do meu trajeto, no que concerne às revelações de vida que são apresentadas ao protagonista, Riobaldo, permeadas de muito medo e coragem na travessia do sertão nordestino e associa aquela travessia à minha.

Ao adentrar minhas lembranças, também me encontro com o que tenho de mais genuíno e, por isso, ao dialogar com minhas fragilidades sinto-me reorganizando um universo particular, de maneira que eu possa compreendê-lo e

revivê-lo através da revelação do próprio auto-conhecimento. Expor essa trajetória pessoal, numa tentativa de resgatar minhas experiências e torná-las parte de um processo artístico, implica buscar uma compreensão dos desdobramentos das minhas próprias imagens, na tentativa de atingir o que há de mais autêntico na minha expressão.

As minhas travessias levaram-me ao encontro das minhas próprias polaridades, sempre rodeada pelo medo, o qual me provocou a coragem de penetrar naquilo que é assombroso.

O deslocamento da minha memória vivida para um relato escrito percorre obrigatoriamente uma organização emocional que tem a função de destilar toda a experiência, sem deixar que ela perca sua intensidade pela distância temporal.

Na medida em que imprimi tais memórias neste papel, busquei descrever situações que trouxessem imagens próprias de cada vivência, as quais se transformaram num cenário para um corpo que dança sobre o conteúdo dessas cenas recriadas.

Para essa pesquisa, julgo necessário que o vídeo seja um retrato fiel da minha maneira de expressão. Como me utilizo da dança, busco aproximá-la da linguagem do audiovisual. É interessante ressaltar que não faço nenhuma menção às hipóteses acerca dos diversos significados atribuídos à categoria “vídeo-dança”. Embora eu trate essa obra artística como um vídeo-dança, não discorro sobre esse assunto que permanece como uma grande incógnita no que trata de exprimir em palavras o que seria essa fusão da dança com o vídeo. Opto apenas por arriscar-me a fazê-lo na prática, sem aprofundar-me teoricamente nessa categoria.

Cabe-me destacar que a única afirmação que faço a respeito do vídeo-dança, enquanto tentativa de pontuá-lo, é que não tem como finalidade apenas o registro de uma obra. Embora exista, pois permanece vivo pelo audiovisual, esse registro não tem a mera função de gravar uma obra para que possa ser acessada e revista por outros, com a intenção de permanecer viva num acervo. Ao contrário,

a inserção do vídeo na dança, neste caso, é fundamental para que a dança se faça existir. A construção da obra para esse binômio não poderia ser concretizada sem a participação de ambos, tanto da dança quanto do vídeo. Dessa forma, repara-se que um depende do outro para se fazer existir.

O vídeo-dança só se realiza em forma de vídeo; caso contrário, a dança, neste caso, enfraquece por não poder contar com os suportes previstos pelo foco da câmera, pelos cortes, pela edição, enfim, por tudo que se refere ao audiovisual.

Ressalto, ainda, que tanto a recriação do meu texto, focado em minhas memórias, bem como a expressão artística por meio do vídeo dança, são dois trabalhos que evidenciam o mesmo foco, convergindo para o mesmo ponto, tratando das mesmas intenções e, por isso, ambos tiveram como ponto de partida minha primeira certeza, a fragilidade, e para discorrer sobre ela, precisei atravessar minha própria coragem.

Agora, vejo-me debruçada nesses escritos e sinto-me diante de um estado de risco, pois a reconstrução e a criação são também uma aventura, que não requer somente risco. É também uma abertura corporal para me defrontar com tal peripécia, responsável pelos instantes em que percebo o quanto é intrínseca a sensação de fragilidade que sinto ao estar exposta diante de minha existência.

É assim que me sinto agora.

Metodologia

A metodologia encontrada para realizar esta obra, que tem como finalidade a produção de um vídeo dança como produto artístico, passou por algumas etapas que foram se completando, ao mesmo tempo que se transformavam.

Inicialmente, foi feito um resgate escrito das minhas memórias para trazer à tona a questão do frágil que sempre fora presente no meu corpo,

enfatizando toda a autenticidade do meu próprio discurso. A partir desse material desabrochado de um tempo distante, mas que ganhara vida após a reflexão para a escrita, iniciou-se o processo de criação de um roteiro de vídeo-dança, o qual pudesse ser capaz de transcender todo o discurso escrito e ser materializado por meio de uma transformação artística.

Para a elaboração desse roteiro foram levados em consideração alguns aspectos que são norteadores e imprescindíveis para esse trabalho: o local escolhido para a gravação (Observatório da Unicamp) e o figurino. Ambos têm importância relevante e fundamental para dar forma e solidez às minhas memórias. Enquanto o espaço escolhido se ocupa em trazer referências ao que proponho, o figurino também tem forte apelo frágil, uma vez que este se transforma durante as cenas, com as mangas que se desprendem e a blusa que se dissolve, em parte, pela ação da água.

Quanto à música, optei por fazer a gravação na ausência dela, já que o desejo da minha dança neste trabalho é trazer a minha vivência frágil, a qual foi muito solitária e silenciosa. Utilizei ritmos e dinâmicas corporais, próprias e improvisadas, para minhas intenções frágeis. O som foi colocado durante a edição, de acordo com as necessidades do meu corpo e da própria cena, trazendo sentido aos meus anseios e invadindo a imagem com as referências sonoras que estão descritas no decorrer deste texto.

Após a gravação desse roteiro, ao ter o vídeo em mãos, pude retomar todo o texto, que foi a fonte para a criação, e moldá-lo de forma a que ele tivesse uma fluidez, ao ser alinhavado com a impressão da experiência prática.

Meu maior desafio foi conseguir trazer as sensações, colocá-las no papel e, posteriormente, só a partir da reconstrução das imagens é que me senti apta a criar o esboço do roteiro de um vídeo-dança, resgatando aquele tempo vivido em forma de evento real, assim como Tarkovsky (2002, p.73) o diz: “para mim, não se trata de uma maneira de filmar, mas uma maneira de reconstruir, de recriar a vida.”

Baseada na idéia de recriar a vida, com a autenticidade da verdade da minha experiência, incluí, objetivamente, durante o processo de criação do roteiro, as marcações de início e de final de cada cena tendo em vista as direções para o trabalho da pós-produção, a edição. Além disso estive muito atenta para a criação do real sentido que gostaria de expressar através da dança, utilizando-me do vídeo.

No percorrer de todas essas etapas, o trabalho foi adquirindo formas diversas, e muitas vezes, o vi sendo dissolvido, perdendo seus contornos por causa da incessante adaptação necessária diante das recriações e mutabilidades inerentes a uma criação.

Durante todo esse processo, tive muitas dúvidas, muitos caminhos, e me vi constantemente obrigada a fazer escolhas e apontar, em meio à escuridão, rumo a uma luz inicialmente imaginária.

Para assumir um caminho que me tirasse do labirinto em que me via, precisei fazê-lo buscando minha coragem e arriscando-me ao encontro de uma parede que representava um fim e a impossibilidade de continuidade diante de um muro; ou de uma porta que simbolizasse uma saída. Certamente meu trajeto não foi, logo de início, o encontro da saída. Pelo contrário, vi-me diante de muitas paredes altas que me faziam sentir impotente por não poder atravessá-las. Cada encontro com esses muros simbolizava o fim de uma etapa e o início de um novo trajeto, um novo rumo e a necessidade de uma nova estratégia que me conduzisse à intenção de sair daquele enclausuramento.

Essa metáfora em busca de uma saída foi uma forma que encontrei para poder colocar minhas memórias relacionadas ao frágil, o qual esteve diretamente ligado ao meu medo. Na maioria das vezes em que segui acreditando estar na direção certa, fui interceptada por paredes que indicavam obrigatoriamente o fim do trajeto, obrigando-me a traçar outros caminhos.

Esse suposto fim do próprio espaço, marcado pelo reinício de outro, é representado pelos momentos em que fui tomada por medos, angústias e desesperos. A única opção que eu tinha, nesses casos, era dar continuidade ao

meu caminhar, não podendo nunca ceder à imobilidade ou ao medo de arriscar-me.

Todo o processo vivido em busca da libertação do espaço que sempre me confinava, ou dos problemas que eu mesma criava, é que me trouxe forças para encarar meus próprios pesadelos para, a partir daí, conseguir libertar-me deles. Para chegar ao fim, durante o percurso, transitei muito pelos meus medos, os quais me obrigaram a encorajar-me. Rosa (1974, p.52) acrescenta sobre o processo em si: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para gente é no meio da travessia”.

Antes de iniciar o texto, cabe-me trazer à luz como alinharei meu texto de memórias com a experiência prática da produção do vídeo. Para diferenciá-los na dimensão do tempo, pois o fato é passado e a representação é presente, e para ajudá-los na compreensão do que se trata na descrição dos fatos tal qual o faço, utilizarei dois tempos verbais para identificar as ações. O tempo no passado refere-se às minhas memórias e o tempo no presente refere-se ao meu corpo na cena do vídeo.

O vídeo é composto por *Seis Cenas*, que estão descritas ao longo deste texto, interligada com minhas memórias, mas podem ser vistas na íntegra, no Roteiro em Anexo.

2. Capítulo I – O Poço – (Cena 1, 2 e 3)

Um vazio, um silêncio, quietude conquistada



Foto: Izabel Goudart

Minhas mãos seguravam firme as mãos do meu irmão que tentava puxar-me à superfície do buraco; no entanto, nossas mãos foram se escorregando até se soltarem.

Meu corpo estava na posição vertical encostada na parede de terra. Minhas mãos agarraram essa parede e, lentamente, fui escorregando olhando para cima, escutando meu irmão pedir para eu não me soltar da terra e observando o rosto dele, que me olhava atentamente, zelando por mim e sendo testemunha daquele momento até o fim.

O vídeo inicia-se com esta cena, (*Cena Um*) em que meus braços estão entrelaçados com um braço masculino, mas aos poucos eles não agüentam o peso e o esforço, e estes braços escorregam até serem rompidos pelo afastamento de ambos. Por ser uma cena forte, optei colocar um som de percussão que trouxesse a mesma intensidade dramática do suspense em como essa cena iria proceder ao desfecho dessa queda.

Pisei em chão firme, atingi a base. Estava no fundo do poço.

Meu chão desabara. Abriu-se uma cratera sob meus pés e via-me numa camada na qual eu nunca estivera. Estava na galeria de um abismo profundo, ou no abismo do meu próprio ser. O aspecto sombrio daquele lugar impregnou-me de tal forma que permaneci psicologicamente atolada na segura daquela terra por algum tempo.

Inicia-se a *Cena Dois*: meu corpo despenca no chão e a mão masculina permanece invadindo o buraco, mas retorna lentamente ao perder o contato com meus braços. A câmera foca-me de cima. Levanto-me vagarosamente ao som de uma voz, que me remete a um coro individual que, metaforicamente, leva minha imagem a uma distância terrivelmente grande, não necessariamente pela distância física, mas pela dramaticidade dessa voz, que se sensibiliza com minha condição, trazendo-me conforto e consolo. A todo instante, meus movimentos e meu corpo referem-se a esse orifício acima de mim, como se eu quisesse alcançá-lo, mas não consigo.

Ninguém mais se encontrava por lá, exceto eu. Sentia-me abandonada pelos meus pequenos irmãos que, assustados e impotentes por não terem conseguido evitar minha queda, saíram em busca de socorro.

Ao final dessa *Cena Dois*, a câmera provoca um movimento adentrando o buraco, vindo ao meu encontro. Neste momento, a imagem fica desfocada interligando à próxima cena em que a câmera já está dentro do buraco junto comigo.

Dá-se início à *Cena Três*: A câmera está na posição normal gravando-me de frente, dentro do buraco.

Observava ao meu redor e só via terra. O diâmetro do buraco era o suficiente para abrigar meu corpo estendido no chão. No entanto, não era nem um pouco acolhedor olhar para cima e observar o mundo sob uma outra óptica. Apenas via o céu. Nada mais.

Meus olhos rondavam ao redor limitados a enxergar apenas os fatores externos a mim. Fiquei tão perplexa com as condições daquele novo mundo que se apresentava a mim que, em nenhum momento, pensei em olhar para meu corpo e perceber as marcas físicas que a queda tinha imprimido em minha pele.



Foto: Izabel Goudart

Apenas observava aquele vácuo dotado de um vazio cheio de silêncio, de terra, e de ar, um vazio que trouxera uma ausência de movimentos. Ausência no sentido de impossibilidade e incapacidade. Não poderia escalar aquela terra com a expectativa de chegar ao topo, nem poderia arriscar um grande salto, pois nem de longe esse deslocamento vertical seria alto o suficiente para atingir o topo daquele buraco.

Embora eu fale sobre ausência de movimentos, em nenhum momento deixo de me mover nesta cena, até porque este dinamismo é que provoca o rompimento com meu silêncio que me congela.

O que me restou foi esperar. Permanecia olhando para cima para não perder o contato com o dia que reinava lá fora. Sentia-me ausente de tudo estando num espaço fora do comum, uma observadora atenta ao mundo que não mais me pertencia. No entanto, insistia em vigiar aquela fresta que me permitia ver a luz do dia, sem que me sentisse excluída da realidade afora.

Sentia-me abandonada, na segura daquele espaço.

Por um ímpeto minha consciência trazia à tona uma insegurança de ser esquecida lá dentro. Teria que arranjar meios para sobreviver àquela segura desprovida de tudo. Vestia apenas um short e estava sem camisa. Meus pés estavam descalços sentindo a terra seca. A sensação de estar abaixo do nível do solo, em um espaço original, deixava-me um pouco duvidosa.

Embora não estivesse afogada em águas, estava submersa em um espaço que continha apenas ar. O limite físico dessa estrutura, que não me permitia um contato com o mundo, fez aflorar em mim uma sensação de solidão muito intensa, tal qual a profundidade em que eu habitava. Essa divisão estabelecida entre o eu e o mundo foi permeada por um vazio entre ambos, caracterizado por todas essas impressões que foram sendo registradas em mim, e que não tardariam a regressar em algum outro momento, perturbando minha maneira de enfrentar a vida.

A parede de terra batida estava aparentemente firme, mas se algo a desestabilizasse e a fizesse cair, eu seria vítima desse deslizamento e, se a céu

aberto já estava amedrontada, não suportaria a possibilidade de ficar escondida imersa a quatro metros do solo.

Em nenhum momento pensei em chorar, por mais solitária que estivesse sendo aquela experiência, permaneci divagando com todas as minhas sensações, dúvidas e uma dose de medo de ser esquecida por todos e permanecer lá, desamparada, tendo de me desdobrar para sobreviver mergulhada naquele redondo profundo.

Permanecia a certeza, embora de maneira implícita, de que não esqueceriam de mim, jamais. Assim como também não seria difícil me avistarem naquele buraco, uma vez que, no dia seguinte, a obra continuaria a fim de concretar o poço de esgoto. No entanto, minha ingenuidade fez-me imaginar que precisariam mover muitos recursos para me retirarem daquela terra, e seria necessária a ação de um resgate para me tirar daquele vazio. Naquele caso, esquecera-me de pensar que já que cavaram até o fundo daquela terra, supostamente teriam que ter estrutura para me resgatarem.

Certamente é fácil fazer essas conexões, hoje; no entanto, naquele momento da minha infância e no exato momento presencial dessa cena, a minha pequenez não permitia que eu compreendesse que, diante daquele fato, a ação mais simples seria a minha retirada. Na verdade, toda a situação que se estendeu desde o desequilíbrio até a queda, e a permanência naquele espaço inóspito, vivenciando incerteza, medo e solidão, são questões muito mais importantes e indelévels do que o simples trabalho de resgate.

E agora já era fato. Estava dentro do poço e o que me restava era aguardar. O fato de olhar para cima e ter a visão do céu em forma de círculo como objeto de contemplação, já era em si um consolo, uma solidão que, embora afastada da realidade, não me privava de ver a luz do dia e sentir-me viva.

Não poderia prever o quanto aquelas sensações, aparentemente ingênuas, poderiam retornar com tanta força depois de algum tempo, e de um modo muito particular, característico de um trauma que, na época da queda, não passou de um grande susto capaz de mobilizar minhas camadas de pensamento

mais íntimas, sedimentando vestígios traumáticos que, de imediato, tomaram formas amortecidas e inertes. Todavia, mais tarde, um rastro de lembrança viria manifestar-se refletindo sensações, as quais revivi permanentemente por muito tempo.

O buraco no qual eu me encontrava, não muito confortável, aproximava-se do universo mitológico grego de Pandora, como Brandão (1991, p. 178) a define: “o mal amável”, que os deuses ironicamente enviaram aos homens. Pandora leva consigo uma caixa que não deveria ser aberta. No entanto, sua curiosidade a fez abrir aquela caixa e todos os males que a habitavam se abateram sobre a humanidade, restando apenas um, no fundo do recipiente, que era a esperança.

Esse mito ficou conhecido como a Caixa de Pandora, temida por todos, pois aquele “mal tão belo”, Pandora, abriu a caixa onde estavam encerrados todos os males.

O momento em que adentrei no poço, metaforicamente assimila-se à abertura dessa caixa e, conseqüentemente, o meu ingresso nela deixou-me permeada por todos os males contidos nela, e especificamente nesse caso, era o mal psíquico que me rondava: o medo, que permeava levemente sobre o meu corpo e sobre a minha pele. Face a esse medo, ainda restava um outro olhar sobre esses instantes de aguardo: a esperança.

As vozes imaginárias sussurravam em meus ouvidos e eu permanecia inerte àquelas suposições que me amedrontavam. Era tudo tão inédito, que eu não sabia lidar com todo o estranhamento que estava me acontecendo.

Fiquei aguardando silenciosamente o momento em que a suposta “caixa” fosse aberta, ou seja, que alguém me salvasse daquele estado frágil, restando-me a esperança de sobreviver àquela imersão, angústia e falta de perspectiva em que me via.

Senti-me vulnerável nessa nova forma de solidão que eu, até então, desconhecia. Considerei-a nova, pois dessa vez, mesmo que quisesse estar com alguém, eu não poderia encontrá-lo, procurando-o pelos meus próprios pés. O

espaço limitado permitia-me apenas passos curtos ou caminhadas em forma de círculo, dando continuidade ao ensejo de deslocar-se. Imersa nessa suposta caixa, estava rodeada de fantasmas flutuando no espaço, com suas extremidades corporais que se fundiam com as minhas e, eu, expectadora, apenas observava aquela cena fictícia, engolindo todos aqueles males.

Minha curiosidade de criança, seguida do deslize repentino, fizeram-me despencar naquela caixa e adentrar num mundo desconhecido e desprovido de artifícios que confortassem minha alma.

Rosa (1974) diria que o sertão está em toda parte, sobretudo dentro da gente. O poço, no qual eu me encontrava, representava de fato um sertão do ponto de vista de um olhar simbólico, no que se refere à questão arquetípica que o próprio sertão sugere. Tal significado universal que pode ser atribuído a ele, refere-se não só a uma ausência de água, como também estendendo o seu significado, a uma solidão, a uma grande travessia que se deve suportar e ultrapassar, diante de um espaço em que não se oferecem condições normais para ser habitado.

Diante de tantas dificuldades impostas pelo próprio espaço, percebe-se que essa metáfora associada ao poço traz consigo uma referência muito mais ampla e significativa do que a mera simplicidade aparente de estar imersa naquele buraco.

Sentia-me intrusa num espaço inabitual do qual eu não tinha artifícios nem referências anteriores para que eu pudesse sentir-me confortável naquela nova paisagem.

O sertão mencionado por Rosa (1974) configurado não só pelas questões externas, as quais se restringiriam apenas sob as limitações que o próprio espaço físico propunha, como também pela associação íntima de *secura* e de abandono ao qual a psique, transtornada, apontava para um conflito latente que é muito individual. Ainda na *Cena Três* encontro-me nos devaneios labirínticos que pulsam em mim. Detecto a constante afirmação desse autor (1974, p.16): “Viver é muito perigoso....”

Aquela queda colocou-me diante de uma ousada travessia interna, obrigando-me a lidar com um universo misterioso não somente pela sua estrutura física, como também pela carga simbólica que esse lugar impregnou em mim. Acredito que esse tenha sido meu primeiro e grande conflito de vida.

Estar rodeada por aquela terra seca poderia remeter-me a uma dupla sensação: como idéia acolhedora, de estar reinando num chão muito primitivo, arcaico; ou como idéia desintegradora, segundo a qual a terra tornara-se sombria, densa, se imaginarmos que tudo que existe abaixo do solo, simbolicamente, significa uma situação além vida.

Na tradição religiosa, aprendemos que tudo que é bom vai para o céu e o que morre vai para debaixo da terra. Nessa perspectiva, estaria quase habitando o mundo de Hades, nas profundezas do subterrâneo onde reinavam as almas dos mortos e, como descreve Cordeiro (2007, p. 87): “seres que apavoram por sua estagnação, por sua influência paralisante”.

Naquele poço, certamente, não tive contato com esse mundo, apenas as assimilações posteriores ao acontecimento trouxeram-me aproximações psicológicas com o sombrio universo de Hades, por este representar a morte.

Contudo, contrapondo-se um pouco à idéia de que as coisas desprovidas de vida encontram-se na terra, há também uma outra perspectiva a respeito desse elemento. A terra também pode representar uma relação muito próxima com a maternidade. Da terra é que nascem os vegetais, é dela que eles extraem os nutrientes, e por isso, naquele caso, o poço pode simbolizar um acolhimento, um encontro com o que há de primitivo, de autêntico e natural.

Sob esse foco, o retorno àquele útero simbólico representado tanto pela terra, como metaforicamente por um deserto - pela ausência de tudo - dá espaço para a associação desse ambiente com a projeção da ação dos conteúdos inconscientes. Campbell (1949) define essa passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido de aventura. Relata ainda que as forças que vigiam no limiar são perigosas e lidar com elas envolve riscos e, por isso, denomina essa aventura de renascimento, para quem tem a coragem de desafiá-la.

Segundo a mitologia grega, Brandão (1991) cita que tais forças podem ser representadas pelos monstros que residem não só nos subterrâneos da terra, como também pelos que habitam nas profundezas da psique. Um exemplo desse tipo de monstro seria o Cão do Hades, o qual simboliza os próprios infernos e o inferno interior de cada um.

Nesse caso, a figura que vigiava o limiar representando a força do perigo não era apenas a situação física na qual eu me encontrava, mas também o poder da força do meu inconsciente, o qual ordenava fantasias e delírios a minha imaginação, ocupando o lugar dos guardiões que têm como função despertar o medo nas pessoas que se aproximam.

A cena que representa bem a idéia do meu inferno interior é equivalente ao final da *Cena Quatro*, que mencionarei no próximo capítulo, mas trata-se do fim de uma das minhas travessias, após ter passado por um corredor estreito e escuro. Meus movimentos variam de dinâmica, pois meu corpo está estremecido e tomado pelo medo. Danço contra a luz que se apresenta logo adiante de mim, mas permaneço no limiar entre o espaço que atravessei e o espaço novo que se alarga à minha vista. Este momento talvez seja o que mais represente meus medos e por isso meus movimentos são mais fortes e agitados.

Essa cena é a que mais se aproxima do discurso dos meus próprios monstros que me ordenavam as tais fantasias e delírios. É por isso que o som dedicado a essa unidade de ação é composto apenas por vozes, que nada mais são que as minhas próprias vozes inconscientes que dominam e me fazem amolecer.

Ainda no poço, a sensação de abandono ao me sentir engolida pela terra, foi seguida por um estado de espera passiva. Um silêncio externo pairava no ar. Era como se o tempo tivesse parado naquele instante. Observava o fim de tarde e o sol se pondo.

Silêncio mudo. Silêncio fechado, terrestre, que não respira, que não entra no peito como um ar das alturas.

Apreciava inerte ao pôr-do-sol. O estar só não me trouxe desespero, apenas desconforto e um medo que ainda não tinha se manifestado. Ele ficou incubado num espaço do meu inconsciente, pois as evidências de que tudo correria bem eram mais fortes que o medo de uma catástrofe.

Silêncio exterior.

O diálogo comigo mesma a respeito da condição à qual eu estava submetida foi intenso, porém, amenizado na medida em que meu mundo se refletia num conto de fadas no qual tudo acabaria bem no final, sobretudo porque eu sabia que, embora estivesse só naquele momento, meus irmãos já teriam acionado socorro.

Aquela experiência dramática traduz toda a relação e percepção que fui construindo sobre a minha maneira de estar no mundo, de aceitar as coisas e de lidar com elas.

Danço neste espaço apossando-me deste buraco que, um dia, fora passageiro para mim. Adentro-o novamente atingindo meu chão mais sólido, mais profundo, para compreendê-lo, revivê-lo intensamente, fazendo-me transcender diante das minhas próprias sombras.

O local escolhido para esta gravação é o Observatório da Unicamp. Nele, identifiquei um espaço em que, de certa forma, eu poderia explorá-lo conforme minhas memórias. O próprio buraco contido no teto instigou-me para poder representar o poço. Além disso, o espaço em forma de meia lua também remetia à idéia de estar dentro do buraco. As paredes de tijolo aproximam-se do aspecto da terra. O chão de cimento parece-me grosseiro ao mesmo tempo em que compõe com o vazio deste espaço.

O Observatório torna-se um palco de cimento no subterrâneo. O centro deste suposto palco é metaforizado por um poço, no qual fico imersa. Ao mesmo tempo em que desejo sair dele, ele é o centro que me leva ao meu eixo, que me leva ao encontro com minhas verdades. Ele traz meu solo firme, pois deste chão não passo mais. Sempre acabo no encontro com este solo quando tenho que buscar minha orientação. Ele simboliza a terceira margem do meu próprio rio.

Observo o topo e, na impotência de atingi-lo, movimento-me na tentativa de distrair-me, pois pensar é sofrer. Meu corpo se move trazendo vida onde só existe ausência. A parede torna-se meu único apoio e meu suporte. Encosto-me sobre ela, reconhecendo meu espaço e fazendo dela, o eixo que está fora de mim. Danço sobre esse meu eixo externo e, sem perceber, crio raízes sobre este chão rígido e impossibilitado de ceder.

Justamente pela firmeza deste chão é que construo minha segurança e transformo este buraco no meu próprio centro. Aos poucos, todo caráter sombrio deste espaço é deslocado a favor de uma nova concepção que é contrária às lembranças fantasmagóricas e destruidoras do meu próprio corpo.

Sem perceber, o poço torna-se fértil por assegurar o meu centro, meu ego. O que um dia fora um lugar inóspito, hoje, meu corpo visita simbolicamente este espaço, tornando-se um lugar dotado de um terreno sólido cheio de riquezas internas. Danço sobre este palco de cimento que se transformou no grande útero que, momentaneamente, me acolhe e me regenera.

Este poço representa meu mergulho e o ingresso constante, que me tira abruptamente do estado coletivo em busca do meu profundo mistério interior, fazendo meu corpo frágil soluçar ao se encontrar em transe, no momento aflitivo que me leva ao encontro do meu próprio eu.

A cena do poço mostra um corpo que se move tentando romper o silêncio da solidão.

Foi um medo repentino e tão fugaz que, assim como me penetrou, adentrou-se e escondeu-se. O silêncio acalmava-me trazendo tranqüilidade diante do aguardo solitário. Tomei-me de grande coragem na espera dócil comigo mesma. Nietzsche, in Bachelard (1990, p. 146), refere-se a esse tipo de quietude como uma quietude conquistada:

Silêncio! Silêncio!

Como um vento deliciosamente dança invisivelmente sobre as cintilantes lanterna do mar, leve, leve como uma pluma, assim o sono dança sobre mim.

Ele não me fecha os olhos, deixa minha alma acordada. É leve, em verdade, leve como uma pluma.

Meu corpo dança essa leveza transcendendo minha angústia e ampliando meu pequeno horizonte, fazendo-me aceitar o estado de imersão e de pequenez, sobre o qual eu me encontrava. Essa pequenez é figurada pela incapacidade de poder libertar-me deste buraco.

Diante da situação que se me apresentou, danço para sentir-me viva. Faço vibrar meu corpo para que ele reverbere movimento sobre mim mesma.

Essa condição angustiante fez-me transmutar para o seu oposto. Bachelard (1990) explica que, para um alquimista, destilação é uma purificação que eleva a substância aliviando-a de suas impurezas, evidenciando a simultaneidade da subida e da descida. O autor acrescenta ainda (1990, p. 270) que o subir e o descer - o ar e a terra – estão sempre associados “aos valores vitais, à expressão da vida, à própria vida.” No meu caso, proponho no vídeo uma destilação alquímica da minha alma, pois ao longo da descensão do meu corpo, o que se ascende, momentaneamente, e de forma invisível, é meu estado psíquico.

A leveza da “quietude conquistada”, referida anteriormente, reporta-se a um corpo dotado de uma alma que simbolicamente obteve a pureza proposta pela própria destilação. Nesta cena, optei por trazer um corpo que dança a beleza da transformação dessa imagem-memória, dando nova forma àquela angústia que não existe mais, coincidindo com o pensamento de Bachelard (1990), quando afirma que é graças ao imaginário que a imaginação é aberta. Para isso, espera-se que a imaginação forme imagens; no entanto, antes de construí-las podemos deformá-las. Essa capacidade de mudar e renovar tais imagens é tão importante quanto a dinâmica que a própria vida exige.

Minha memória traduz essa mudança ao sugerir novas imagens, deformando-as, resgatando o viés da beleza, libertando-me da angústia e da tristeza. Essa ascensão psíquica, por meio da imagem, já sugere o próprio dinamismo, despertando-me uma participação ativa quando exponho o drama da

enorme contradição da vida que, ao mesmo tempo, sobe e desce, que se eleva e hesita, colocando-me diante de imagens recriadas e, portanto, dinâmicas, para viver o drama dos progressos da vida.

Ao mesmo tempo que provooco minha própria expansão pela alma que se liberta, desafio a busca da minha intimidade ao ver meu corpo que se pesa, com suas impurezas, quando atraído pela força terrestre. Bachelard completa (1990, p. 275):

A imagem é tão luminosa, tão bela, tão ativa ao falar do universo como ao falar do coração. Expansão e profundidade, no momento em que o ser se descobre com exuberância, estão dinamicamente ligadas. Induzem-se mutuamente. Vivida na sinceridade de suas imagens, a exuberância do ser revela a sua profundidade. Reciprocamente, parece que a profundidade do ser íntimo é como uma expansão em relação a si mesma.



Foto: Izabel Goudart

Esse devaneio, retratado pela nova forma imagética, almeja aliviar a memória sofrida em busca de um movimento que me permita transcender minhas próprias corrosões.

Finalmente, meu pai chegou acompanhado de minha avó. Lembro-me fortemente de toda doçura e tranqüilidade que aconteceu naquele encontro. Toda a ação paterna foi permeada de muita segurança, transmitindo conforto e naturalidade frente ao acontecimento comovente.

Meu pai não teve dúvida em como me resgatar. Imediatamente foi desenrolando uma corda que sustentava um balde – o que é bem característico dos poços. Quando este alcançou o chão, ouvi atentamente as instruções ditas por ele e, em nenhum momento, hesitei em segui-las.

Apenas confiei!

Segurei a corda e apoiei meus pés sobre o balde. Minhas mãos apertavam a corda intensamente. Permaneci rígida, praticamente sem piscar e sem me mexer. Apenas permitia que a minha respiração fluísse normalmente. Fiz tudo certinho, conforme meu pai recomendara. A única coisa que me importava naquele momento era ser fiel à sua palavra que só cessou quando fui tomada por seus braços:

-Segura, não solte! Segura firme, bem firme. Não se mexa. Segura...

Segurei com toda a minha força. Não tive medo, aliás, nem pensei em tê-lo. Apenas confiei ao entregar-me cegamente às orientações de meu pai e as cumpri com a mesma serenidade e doçura com que ele me acolheu.

Quando cheguei ao topo, tiraram-me do balde e colocaram-me em terra firme. Nesse momento, fui alertada pela minha avó de que a minha barriga estava inteira ralada.

Foi a primeira vez que olhei a mim, desde o momento em que caíra no poço.

Estava tão naufragada naquele isolamento seco que, em nenhum momento, conseguira lançar um olhar externo sobre mim mesma.

Essa *Cena Três* finaliza-se ainda no poço, com meu corpo fora da tela; apenas minha cabeça em evidência, abaixada.

3. Capítulo II – Travessias – (Cena 4)

3.1 A descoberta da ausência: meu corpo fora de mim



Foto: Izabel Goudart

Certo dia, durante uma aula de bale clássico, uma aluna, de repente, caiu no chão. Levei um susto ao ouvir o som daquele corpo que caíra desprovido de consciência para se proteger.

Quando a vi no chão estatelada e as pessoas ao redor querendo se aproximar para ajudar, fiquei desnorteada.

Meu coração começou a disparar, senti-me impotente por não poder ajudar, meu estado de choque foi tanto que não podia nem observá-la muito, tampouco me aproximar. A imagem daquele corpo imóvel transmitiu-me um forte mal estar.

Retiraram-na da sala e a aula continuou como se nada tivesse acontecido. Fiquei muito perturbada. Nunca presenciara cena igual.

Aquela imagem permeou por muito tempo minha cabeça. Não me conformava com o fato de uma pessoa saudável, jovem, em pleno vigor físico, de repente, desabar no chão.

O acontecimento pode ser admissível e normal no caso de uma pessoa não estar bem alimentada, e nem sei se foi esse o diagnóstico; contudo, o que eu me pusera a pensar fixamente, após presenciar aquela cena, foi na questão de uma pessoa poder perder o controle de seu corpo, de maneira tão repentina.

Definitivamente, aquela cena foi um marco em minha vida. Tornou-se um traço indelével.

Eu presenciara um contraponto muito forte: ao mesmo tempo em que se trabalha um domínio de movimentos na dança clássica, um exercício diário de trazer ao corpo equilíbrio e fortalecimento, ocorrera um momento de súbita queda, descontrole e ausência física e espiritual.

Desde então, comecei a observar as pessoas e a imaginar coisas. Da mesma forma que assisti a esse episódio numa sala de aula, indagava-me sobre a possibilidade disso ocorrer também na rua ou em qualquer outro lugar.

Uma vez que o tema aqui abordado nesta pesquisa traz a reflexão sobre o frágil, aponta-se o fato de que me dei conta da minha própria fragilidade quando descobri que este corpo não é eterno, que é mortal, que existe um fim. Foi a partir daquele desmaio que algo assustador despertou-se em mim com grande força, desabando sobre meu corpo e deixando-me vulnerável diante de qualquer brisa.

Sob essa perspectiva, compreendi a vida como um fio que a qualquer momento pode ser cortado, e o despertar dessa idéia causava-me pânico.

Imaginava a gravidade que seria, caso alguma disfunção que provocasse uma inconsciência acontecesse com alguém que estivesse conduzindo um carro ou atravessando a rua, enfim, meu olhar estava destinado a concentrar-se na imaginação de uma suposta fraqueza humana.

Desenvolvera em mim esse olhar atento e curioso que me levava a questionar sobre os perigos da vida. Mais uma vez constatara, assim como Rosa (1974, p.16) que: “viver é muito perigoso...”

O trauma da descoberta de que não temos o controle sobre nós mesmos como gostaríamos ou como imaginamos tê-lo, despertou em mim um medo diante da vida.

Não queria mais voltar ao balé e reencontrar a menina. Naquele momento, culpava-a por me fazer enxergar essa fragilidade. Aquele episódio mudara definitivamente a minha maneira de me relacionar com o mundo.

Meu problema passou a ser não só o bale clássico daquela academia, mas também a presença daquela menina que me despertara a condição humana da mortalidade.

Eu mesma criava uma tensão e um conflito interno permitindo que minha imaginação voasse longe e, praticando minha precaução, mirabolasse inúmeras situações surreais que me provocavam um estado de alerta.

Aqueles devaneios excessivos fizeram de mim uma pessoa extremamente racional e vigilante.

Lembro-me de que fiquei pasma quando fui informada de que todas as pessoas um dia morreriam. Foi um choque. Passei dias indagando-me a respeito dessa descoberta e ficava inconformada ao perceber como as pessoas lidavam com esse assunto, de forma aparentemente natural. Afinal de contas para que serviria tanto investimento em vida, na construção de relações que se estabelece para, de repente, tudo desabar num último suspiro? E sem explicações.

Aos poucos, fui trazendo um novo olhar sobre a vida nos demais aspectos do meu cotidiano. Observava as pessoas e percebia que ninguém mencionava o fato da morte. Parece que ocultam ou ignoram a sua existência e isso também me deixava muito aflita. Como censurar um fato tão importante, marcante e sofrido como a morte?

Meu espírito investigador não cessava nunca. Meus olhos sempre rondavam atentamente as pessoas como se eu quisesse ultrapassar seus corpos e compreendê-las uma por uma, penetrar em cada uma e emprestar os olhos alheios para enxergar o mundo de outra forma, que não fosse a minha.

Meu desejo era aproximar-me do interior das pessoas para aprender com elas outra maneira de viver, já que a minha era muito complicada e detalhista. Encontrava-me em um momento muito presa a essas questões e isso me trazia uma grande opressão.

Depois do desmaio da menina na aula de balé clássico, meu esforço para retornar à aula foi multiplicado. Sentia-me carregando um enorme peso no meu corpo, não podia desistir e largar o próprio compromisso que afirmara diante dos ensaios. Chegava a rir de mim mesma dizendo que eu era apenas um cenário do espetáculo, uma pedra imóvel. E de fato, sentia-me uma pedra naquela aula, com todo o seu peso e a sua inflexibilidade.

Curiosamente, essa carga negativa que sempre projetei sobre a pedra comparando-a comigo, adquire um outro significado nas palavras de Jung (1963, p. 50):

A pedra não sente incerteza alguma, não tem necessidade de exprimir-se, é eterna, vive milênios - pensava. Quanto a mim pelo contrário, sou fenômeno passageiro consumido por todas as emoções, tal como uma chama que se eleva, rápida, e depois se extingue. Eu era a soma de minhas emoções e a pedra intemporal era o Outro em mim.

Eu vivia justamente o encontro com minhas grandes incertezas, medos e descobertas e sentir-me uma pedra naquele ambiente era enquadrar-me em uma condição da qual seguia diretamente em confronto com toda a

instabilidade em que eu me via imersa, já que a pedra, neste caso, é o símbolo do inalterável. Justamente por causa desse conflito que eu não poderia permanecer, metaforicamente, na condição dessa pedra, pois para isso eu precisava mascarar-me de uma sombra negativa do self. Nesse sentido, era impossível sentir-me viva, por isso, instalava-se a grande crise na minha psique.

Mantinha-me rígida como uma pedra, mas meu corpo gritava calado, engessado numa forma que me aprisionava. Eu precisava exprimir minha fragilidade, meu estado consumido diante de minhas próprias emoções, mas sentia-me inserida numa pedra, obrigada a expor-me como uma pedra.

Essa sensação era muito conflituosa, pois me sentia mascarada de uma situação que não era fiel à minha realidade. Permanecia escondida, protegida por uma estrutura que mais me incomodava do que me libertava de tal tensão.

Escondia-me da minha própria sombra e de mim mesma. Escondia-me dos meus medos, protegendo-me da vida, sem perceber que me auto-flagelava ao tentar adaptar-me a uma condição que estava muito distante das minhas reais necessidades.

Minha insatisfação com aquelas aulas chegou ao limite, quando soube de um ensaio extra, que seria realizado no feriado dos finados. Dessa vez, definitivamente eu reagi comigo mesma.

Como se não bastasse ter-me despertado sobre a incapacidade humana de controlar algumas manifestações corporais, ainda teria que estar naquele espaço em pleno Dia de Finados?

A dedicação excessiva requerida pelo balé não coincidia com essa nova fase instável e dolorosa que acabara de despencar sobre mim. Essa disciplina tornou-se um martírio puxado e sufocador, diante das minhas poucas intenções com essa modalidade de dança.

O fato de o feriado ser dedicado aos mortos trazia-me um simbolismo muito forte da presença deles, somando-se ao episódio de ter encontrar com a menina do desmaio. Esses fatores fizeram-me enxergar aquele espaço como algo fúnebre.

A referência que, aos poucos, fui associando à academia refletia-se em um espaço onde havia uma realidade muito dura, trabalhadora, persistente, rigorosa, não me deixando espaço para qualquer outra manifestação que não fosse semelhante.

Sentia que minha alma era uma extensão desse espaço, sob o ponto de vista do estado de espírito no qual eu me encontrava. Minhas dúvidas a respeito da vida ampliavam-se a cada dia, de acordo com as pequenas descobertas que minha mente ardia por ter que reconhecer.



Foto: Javier Cencig

Todas essas novas percepções estavam destinadas a serem armazenadas na minha consciência apenas, uma vez que não me cabia compartilhar aquelas dúvidas existenciais com ninguém, pois daria margem a equívocos e eu talvez fosse tachada de depressiva.

Com muita resistência, tive que ir ao ensaio naquela data constrangedora para mim.

O que mais me movia diante desse abalo era o desejo de prevenir constantemente qualquer situação, travando uma luta contra a fragilidade do incerto, do inesperado e do contínuo processo mutante e transformador da própria vida. No entanto, não demorei muito a perceber que é impossível precatar-se de tudo, absolutamente não temos esse domínio, aliás, os mistérios fazem parte da nossa formação.

Ao assumir a consciência dessas percepções, compreendi que necessitava iniciar uma peregrinação íntima na incessante busca do meu equilíbrio, abrangendo meu eixo corporal e psíquico, já que sentia meu corpo fora de mim, sendo atravessado por um abalo intruso.

Certa vez, na escola, ainda nessa época de conflitos, assisti a uma palestra sobre educação sexual. A imagem mais forte que me marcou profundamente foi quando colocaram fotos de pessoas portadoras do vírus HIV, ilustrando o estado físico debilitado que as pessoas atingem quando alcançam um nível avançado da doença.

Embora traçassem uma trajetória completamente diferente da minha, essas histórias convergiam para o meu caminho quando entraram em ressonância com minhas angústias e medos simbolizados pelo corpo humano, a nossa carne. Deslocando-se essa apreensão para a minha memória, retratada em graus distintos, mais uma vez meu frágil corpo soluçou num lamento desconsolador.

Essa cena impregnou-se em minha memória e causou-me mal-estar, uma sensação desconfortável diante da qual eu não conseguia me controlar. Meu coração começou a disparar, minhas pernas ficaram bambas e tinha a sensação de que estava perdendo contato com meu corpo, como se ele estivesse cedendo a esse abalo intruso.

Vou morrer! Comentei com minha amiga que estava sentada ao lado. Assustada, imediatamente ela tratou de acenar para que alguém pudesse vir me orientar e socorrer.

Não estava cabendo em mim mesma e tive um ímpeto, provocando um impulso de levantar-me na tentativa de fazer com que meu corpo reagisse e se

libertasse do choque psíquico que me invadira. Naquela hora, vieram me retirar, saí com o corpo mole apoiada em alguém.

Após o retorno emocional desse momento aflitivo, fui obrigada a reconhecer que aquelas reações começaram a deixar-me preocupada.

Inúmeras vezes fui assolada por uma sensação avassaladora que absorvia meu corpo. Não tinha lugar para acontecer, simplesmente do mesmo jeito que vinha, de mansinho até tomar forma, desaparecia. Eu não tinha o menor controle sobre esse estímulo que me roubava a alma e isso me deixava apreensiva.

O temor não era mais apenas a memória do desmaio, o qual já representa um estado avançado do corpo esgotado e inerte. Percebi que, antes de atingir essa ausência de movimento e de consciência, bastava um simples descontrole do compasso que rege a minha mente e meu corpo, para que eu me desvanecesse, perdendo meu eixo.

Minha inquietude deixou de ser apenas uma investigação restrita à observação de casos alheios, tornando-se um caso real que eu podia experimentar na minha própria pele.

Senti-me solitária mergulhada na penumbra.

Nem a minha queda no poço fora tão perturbadora como essa invasão que atravessava meu espírito. Parece que naquele momento eu revisitava novamente o poço, meu solo mais profundo, para buscar meu eixo.

Progressivamente, fui percebendo mudanças em meu comportamento, provocando alterações na relação que eu estabelecera com o mundo. Insuportáveis tensões e desarmonias rondavam meu corpo. Não conseguia expressar em palavras o medo e a angústia de ser impregnada a qualquer momento por um descontrole que tomava meu ser.

Medo!

Um medo palpitava em mim.

Ficava apreensiva em saber que aquele pânico estava a caminho sempre, sem pedir licença para chegar e instalar-se.

Diante desse medo, para transpor aquelas sensações para o vídeo dança, propus uma cena em que meu corpo evidencia esse desconforto e essa tensão. Inicia-se a *Cena Quatro*. A câmera focaliza minha cabeça, dando continuidade à cena anterior, que finalizava com a mesma imagem.

Tento demonstrar esse estado de desespero, de medo, de algo que me possui fazendo-me perder o controle tão ferozmente. A cena passa num corredor que, mais adiante, fica estreito e escuro, sinuoso como uma meia-lua. O propósito deste momento é dançar minha inquietação, meu medo em aproximar-me dessa travessia.

Meu corpo quer ir ao encontro do corredor estreito com o intuito de desafiá-lo, mas temeroso, despenca sobre si mesmo, apóia nas paredes contando com esse suporte externo para mantê-lo no seu próprio eixo. Giro muitas vezes em volta de mim mesma, como se estivesse atenta a tudo que está ao meu redor, tentando proteger-me de tudo. Chego próxima do local da travessia, mas meu corpo cede e novamente volta ao meu espaço confortável. Fico neste conflito tomada por um medo que me controla.

Adentro o corredor estreito, mas sempre utilizo as paredes como apoio e suporte. Ocupo esse pequeno espaço querendo libertar-me dele, mas antes disso preciso suportá-lo, preciso atravessá-lo.

Nas paredes, antes de chegar ao corredor, escorre água permanentemente. Aproximo-me, por vezes, desta água deixando-a que me molhe.

O som utilizado para esta cena inicia-se com uma percussão, que sugere um suspense e, simultaneamente, ouvem-se vozes, que representam meus conflitos soando como ordens que me deixam desnorteada. Logo em seguida permanecem apenas as vozes.

Sentia-me constantemente ameaçada.

Outra vez que senti essa sensação foi durante uma aula. Eu estava sentada na carteira e, de repente, fui invadida por uma aceleração cardíaca, uma

sensação de falta de ar, uma moleza corporal e a impressão de que seria meu último suspiro.

Esse tormento dava um frio em minha espinha. Meu corpo começou a apresentar sintomas como reação às fantasias que destruíam a mim mesma. Comecei a oferecer resistência involuntariamente, como se estivesse sempre diante de um perigo. Meu corpo permanecia sempre atento e reagia ao espaço com uma tensão prestes a romper-se.

Sentia-me presa e limitada.

Sentia-me à beira da morte.

Os pensamentos ruins invadiam minha mente, apoderavam-se de mim e tomavam forma. Fiquei, covardemente, sem estrutura para reagir diante de tamanho impulso hipnótico. Era uma força maior do que eu e minhas estruturas físicas. Evocava uma situação inabitual, em relação à qual eu não tinha o menor preparo físico e psicológico para suportar o paradoxo inscrito nessa condição: o congelamento causado pelo susto e pelo medo, e o estado veloz que meu coração exprimia liberando um excesso de adrenalina no sangue, rompiam a fluidez do meu sistema.

Mais uma vez provocava uma destilação alquímica em mim mesma. O congelamento estagnava-me, puxava-me para a terra, enquanto que o estado acelerado do meu coração fazia-me extrapolar meus contornos buscando o vôo aéreo e fora de mim. Novamente essa imagem traz o dinamismo da contradição da vida que, ao mesmo tempo em que se transforma, endurece. Esses impulsos contraditórios trazem a mobilidade da vida que oscila.

Esses tormentos fragilizavam meu ego, deixando-me à beira do precipício, com a sensação de que meu corpo não iria agüentar a pressão e eu iria morrer.

Meu corpo, na *Cena Quatro*, traz esse combate medroso através da dinâmica instável do meu movimento. Proponho quedas, como se meu corpo amolecasse, mas imediatamente ele retoma; ele reage.

Minha consciência estava sendo inundada constantemente por conteúdos estranhos e inesperados. Jung (1971, p. 137) explica que a maioria dos desequilíbrios psíquicos caracteriza-se quando a função do consciente é reprimida e substituída, em grande parte, pelo inconsciente.

A função da realidade é usurpada pelo inconsciente, que toma o valor da realidade. Os pensamentos soam como vozes, tornam-se plásticos como visões, perceptíveis como alucinações corpóreas, ou então se transformam em idéias fixas de natureza demente, prevalecendo sobre a realidade.

Ninguém compreendia o pânico que se instalava diante da realidade que apenas eu sentia. Aos olhos externos, era intolerável a capacidade que eu tinha de me entregar a esse devaneio. Não entendiam o porquê de o meu corpo atingir essa perturbação que se tornava explícita apenas no auge do momento, quando os sintomas físicos emergiam.

Antes de ser físico, o sintoma alastrava-se na minha alma e, nesse momento, ninguém conseguia identificá-lo, apenas eu, porque sentia.

Aos poucos, meu mundo foi se tornando cinzento.

Tudo começou a ficar complicado, difícil e perigoso.

Segundo Rosa (1974, p. 16): “Viver é muito perigoso....”

Meu andar tornou-se diferente, tornou-se atento, medroso, temeroso da chegada do tal momento no qual eu me via entregue ao mistério.

Esse andar também pode ser observado nesta mesma cena, quando me aproximo do corredor estreito querendo enfrentá-lo, mas retorno algumas vezes pois sou tomada pelo medo.

Mais uma vez observava as pessoas e tentava enxergar o que ninguém via: os pensamentos alheios. Queria descobrir como uma pessoa poderia estar neste mundo sem pensar nas procedências do pós-vida, ou senão, o que pensa

cada um a respeito disso, uma vez que consegue viver tranquilamente sem se preocupar com as surpresas fortuitas que a vida nos reserva.

Com o tempo, percebi que as respostas para as minhas dúvidas não seriam encontradas nos outros, ou pelos outros, mas a partir da minha compreensão e condução dos fatos que eu observava. O caminho externo que me levaria a alguma resposta era a partir do reflexo e da ressonância dos casos alheios sobre mim. Naturalmente, a resposta não estava fora de mim; pelo contrário, estava mais presente do que nunca na maneira como eu me fiz enxergar essa realidade.

Nesse sentido sentia-me muito solitária. A maneira como eu conduzia esse assunto comigo mesma era sempre acompanhado de muita decepção e medo. Era inevitável que eu não sofresse na espera desse momento, que me deixava frágil e possuída por calafrios secretos.

Lembro-me de ter lido uma frase no mural da escola que me marcou muito: “Viver com medo é viver pela metade”. Talvez ninguém tivesse dado importância, como eu, a uma cartolina presa na parede com esse enunciado. Muitas coisas só se percebem quando estamos atentos a elas. Nesse caso, essa frase casou perfeitamente com meu estado interior.

Por alguns segundos, senti-me compreendida e menos solitária. A identificação com essa frase soava como ecos de consolo, trazendo a perspectiva da busca de um solo firme, uma vez que me vira acolhida pelas palavras de alguém que, de alguma forma, sentira algo semelhante a mim.

Sentia-me vivendo pela metade, pois não conseguia estar inteira entregue ao mundo. Desconfiava de tudo. Aos poucos, o mundo foi se configurando sem cor diante dos meus olhos. Meus medos renovavam-se diariamente, como afirma Rosa (1974, p. 69): “Cada hora, de cada dia, a gente aprende uma qualidade nova de medo!”

Meu estado de observadora inquieta levava-me para uma outra dimensão, interiorizada, com uma infinidade de dúvidas sobre a vida e a minha existência.

Comecei a ter crises de choro que não tinham explicações.
Apenas queria chorar.
Soluçava.



Foto: Izabel Goudart

Esses soluços eram amenizados com a presença da minha mãe, com quem me sentia protegida e as minhas ansiedades diminuía. Embora esses problemas fizessem parte de mim durante minha adolescência, nunca deixei transparecer tamanha instabilidade na qual eu me encontrava. Apenas pessoas muito próximas a mim é que estavam cientes das minhas crises.

Mesmo com tanta angústia impregnada em mim, eu tentava ser uma pessoa normal, no sentido de não externar essas fragilidades que revelariam minhas inseguranças. Aparentemente, diante de um julgamento externo, não se imaginava o turbilhão de idéias que me permeavam fazendo meu corpo vibrar e congelar.

Houve um dia em que eu estava sozinha na rua e novamente estremei. Um desespero tomou conta de mim, meu coração parecia sair pela boca. Entrei num restaurante que estava à minha frente e pedi ajuda a uma mulher que trabalhava lá. Disse-lhe:

- Vou morrer! Ajude-me.

A mulher tratou de me acalmar, deu-me água e ofereceu-me companhia para levar-me em casa, mas eu precisava apenas de um tempo para me restabelecer e voltar ao normal. O fato de eu conseguir externar, de alguma forma, o mal-estar, na busca de um socorro, de alguém que se voltasse para mim com aspecto acolhedor já era o suficiente para eu me sentir viva novamente e, aos poucos, controlar a fúria que se amansava. Assim que meus batimentos cardíacos se acalmaram, deixei o lugar e voltei para casa.

Nesses segundos de aflição eu sentia como se um vento me açoitasse. De fato, Brandão (1991, p. 270) explica que o simbolismo do vento é complexo e reveste-se de múltiplas facetas:

De um lado, por sua própria agitação, figura a instabilidade, a inconstância, a vaidade. Tratando-se de uma força elementar, o vento é cego e violento. De outro lado, é sinônimo de sopro, do espírito, do influxo espiritual de origem divina.

Quando é resultado de uma ação divina, o vento atravessa o espaço, estremecendo-o, de maneira a vivificar, a punir e a ensinar, traduzindo-se em emoções, como Brandão (1991, p. 270) as descreve: “das mais ternas à ira mais violenta e impetuosa.”

Ao final da *Cena Quatro*, quando meu corpo tenta restabelecer-se após a passagem que tanto temia, simbólica neste caso, o som do vento invade a cena tentando desgovernar-me, açoitar-me, mas procuro ser mais ágil que ele e movimento-me fervorosamente rápido lutando contra ele, tentando ser mais forte que ele.

Cada vez mais me sentia estranha diante dessas sensações que se apossavam de mim. Esse descontrole deixava-me muito frágil.

A fraqueza deixava-me suscetível.

Só tinha entendimento de uma coisa: tinha medo! Muito medo!

Aquele estado interior que agitava meu pensamento e apavorava meu corpo, colocado em evidência com as vozes na *Cena Quatro*, tomava forma na medida em que a minha cautela perante a vida foi se tornando exagerada, de forma excessiva.

Certa manhã, saí do carro em uma rua movimentada e, num descontrole causado por uma aceleração cardíaca, atravessei a rua correndo sem olhar para os lados. Simplesmente corri. Desesperada. Quase fui atropelada diante daquela atitude incoseqüente.

Foi um ato extremamente impulsivo. Correr poderia ter sido um instinto tanto de fuga como de liberdade. Neste caso, acredito que tenha uma dose desses dois componentes para explicar o ato inesperado e um tanto perigoso.

Eu queria fugir daquela sensação que me tomara, e a corrida era uma fuga em busca da liberdade, mas, evidentemente, essa idéia não se aplica tão simplesmente. Não adiantava correr, se o problema estava em mim mesma, pois eu ia carregá-lo comigo, já que meu corpo já estava modificado por aquele delírio.

Naquele momento, definitivamente, assustei-me comigo mesma. Eu sabia que algo maior se apoderava de mim, uma vez que, em plena consciência, eu jamais provocaria um risco daqueles.

Paralelamente a essas constatações físicas, eu começara a manifestar alguns sintomas depressivos.

Por me sentir muito só com meus pensamentos e medos, tive momentos em que achava que estava à beira da loucura. O fato de não ser compreendida e de, muitas vezes, ser vista como exagerada, fazia-me sentir fora dos entendimentos deste mundo. Sentia-me suspensa num contraste inconciliável entre o mundo exterior e o mundo interior.

Se ninguém entendia minhas reações aos calafrios secretos, diante dos medos obscuros que se apresentavam a mim, definitivamente, eu me sentia um ser estranho no ninho.

Aos poucos, alguns sintomas diferentes foram sendo constatados.

Um dia voltei do colégio sozinha e, enquanto aguardava minha família chegar, cada um de seus devidos compromissos, iniciei um choro desconsolador. Eu os aguardava na janela de nossa casa. Esperava ansiosamente pela minha mãe.

Era um choro desorientado. Um choro que pedia colo. Um choro que pedia eixo. Uma lágrima que escorria pedindo que alguém a secasse. Que alguém a visse. Que alguém tivesse o poder de interromper o fluxo daquelas águas sobre meu rosto. Sentia que não tinha mais controle sobre mim mesma.

Mais uma vez: “Viver é muito perigoso....”

Um descompasso pairava na minha cabeça. Eu estava confusa e a tensão ardia na minha razão.

Estava perdida!

Quando finalmente eu era acolhida e ouvida, ficava mais aliviada, o choro aos poucos se calava, e eu ficava com um semblante mais tranqüilo. Só não conseguia expressar em palavras o porquê daquelas águas transbordando em forma de lágrimas em meu rosto. Rosa também o sente e diz (1974, p.86): “Eu

não sentia nada. Só uma transformação pesável. Muita coisa importante falta nome.”

Em determinados momentos, não conseguimos verbalizar nossos sentimentos de forma concreta e esse era meu caso. Alguma insatisfação interna existia; todavia, meu pensamento não conseguia organizar os fatos para exteriorizá-los.

Assim, fui me sentindo incomodada com tudo, mas não existia nada específico com que eu pudesse comprovar meus medos. Apenas os sentia.

O fato de eu chorar e não conseguir exprimir uma razão para tal ação, permitia que as pessoas mais próximas me olhassem com um grau de desconfiança e, às vezes, até com descaso.

Essa incompreensão mostrada pelas pessoas deixava-me ainda mais preocupada comigo mesma. Isso acentuava minha solidão, na qual só eu poderia entrar em contato com as minhas profundezas e descobrir minhas insatisfações.

Percebi que a minha percepção sobre o estar presente no mundo tornou-se, aos poucos, muito rígida, no sentido de analisar as situações sob um ponto de vista muito pesado e muito difícil.

Perdi as perspectivas que traziam o prazer de viver.

A minha existência visível, contornada pelos espaços que o meu corpo desenhava no mundo, perdeu as cores e tornou-se uma nuvem embaçada e pesada.

O meu medo acentuava-se sem nenhuma razão específica.

Meu estado de fragilidade era tamanho, que eu não podia ouvir nenhuma história que envolvesse tragédia ou sofrimento, pois eu transferia toda a negatividade para mim. Imaginava-me passando pela mesma situação e vivendo a história alheia.

Cada caso era imensamente revivido por mim, meu corpo reagia aos estímulos externos que eu automaticamente absorvia.

Sentia-me vulnerável a tudo.

Não conseguia separar os acontecimentos alheios da minha trajetória, pois eles se consolidavam como uma extensão de mim mesma. Não conseguia estar ciente de algum caso desses, sem envolver-me com sua realidade. Era impossível reagir a essas histórias com indiferença. Entregava-me ao sofrimento do outro, mergulhava junto e exprimia minha dor e tristeza.

Não satisfeita com as minhas tensões próprias, eu ainda tinha uma “abertura” para assimilar as dificuldades alheias. Eliade (1956) trata a existência “aberta” para o mundo não como uma existência inconsciente, mas como uma possibilidade de tornar o homem religioso capaz de se conhecer conhecendo o mundo. Essa autora atribui importância a esse conhecimento, pois este se refere ao próprio Ser.

Compreendo essa suposta “abertura” como uma identificação com o outro, ou melhor, como uma ampliação dos casos singulares em forma de reflexo coletivo, e eu inserida neste último.

Ficava deprimida ao saber qualquer história relacionada a alguma tragédia. Dei-me conta de que as pessoas também ficavam cientes dessas histórias, todavia a mensagem passava por um canal corporal passageiro o qual não retinha essas sensações de mal-estar. Todavia, eu não tinha discernimento sobre a questão da tragédia humana que é diária e intermitente, eu estava tão mergulhada nesse sentimento que ele se fazia presente de forma habitual e até necessária.

Ao deparar-me com uma história que envolvesse morte, meu corpo sofria um abalo interno. Minha angústia se pautava no fato de conscientizar-me de que as pessoas perdem a própria vida, independente da idade e de estar saudável ou não, ou seja, qualquer um é suscetível a perder a vida.

Essa descoberta ardia em mim.

Instigava-me o fato de as coisas acontecerem tão repentinamente na vida dos outros, deixando-me aflita por poder ser a próxima vítima, uma vez que já tinha uma fraqueza que me deixava mais propensa e vulnerável no que concernia à vida humana.

Esse conflito da presença da morte na minha vida tirava-me a coragem de viver.

Aos poucos, fui me entregando a essas vozes que sussurravam na minha mente, sentindo-me impotente diante das surpresas e dos mistérios a que somos submetidos nesta vida.

Durante a *Cena Quatro*, ouço as vozes que tentam me desnortear, mas guio-me fortemente pela estrutura rígida da parede que me circunda. Conforme tateio esses tijolos, algum espectador pode interpretar essa cena como de um corpo cego que precisa sentir o espaço. Caso haja essa percepção, embora essa cegueira não tenha feito parte das minhas intenções, implicitamente ela está presente, pois essas travessias sempre foram embaçadas e tempestuosas e, por isso, meu corpo precisava encontrar um eixo para seguir adiante, resistindo às minhas próprias vozes que alimentavam meus medos.

Minha vida adquirira um pesar, sob uma visão muito pessimista das coisas. Todos os dias os medos flutuavam sobre meu corpo, esperando o momento certo para atuar sobre mim. E eu sabia disso.

E chorava. Não tinha muita clareza de nada, a única certeza transparente que eu possuía era a do medo.

Medo de viver!

O simples passar dos dias foi adquirindo uma fadiga, um abatimento, uma questão de sobrevivência.

A maneira como eu aprendi a enxergar a vida, adquirida por meio dessas experiências, era sob um viés sofrido, de luta. Tenho perfeita consciência de que essa visão foi projetada pela forma como apreendi e assimilei minha trajetória. E, nessa estrada, as dificuldades foram se agravando na medida em que as ampliei na minha cabeça. Não que as coisas fossem tão difíceis e sofridas, mas eu é que as captava dessa maneira. Apenas eu.

Transformava os acontecimentos cotidianos em grandes eventos de forma singular. Sentia o cheiro de situações que me deixavam frágil, o que me

fazia enxergar o mundo com muito mais dificuldade do que real e verdadeiramente ele me apresentava.

Continuava chorando. Meu choro manifestava incertezas, dúvidas, e chamava a atenção dos despercebidos.

O socorro externo era sempre um acalento que desconversava o meu discurso amenizando minhas impressões, deixando-me confortada por alguns instantes, mas era um bem estar superficial.

Aos poucos, os dias de domingo foram adquirindo um vazio interminável. Domingo simbolizava o fim de uma etapa para mim. Era um dia vago em que as pessoas se preparavam para um recomeço e essa forma desnorteada em que esse dia se tornava deixava-me ainda mais sem perspectivas.

A idéia de representar um término trazia-me enraizada a lembrança de que tudo tem um fim.

Nesse caso, era nada mais do que o fim de um dia, assim como tantos outros. O fato de ser um dia fora do cotidiano de compromissos, porém, deixava-me com mais tempo para refletir sobre a nossa finitude, nossa existência e todas as outras questões e dúvidas humanas.

Os dias de domingo tinham uma amplidão inimaginável. Eram tão infinitos aos meus olhos, que me causavam estranhamento.

Nesses momentos em que eu me sentia mais frágil, tinha medo de ficar só. Quando ficava sozinha, era mais fácil o contato com minhas profundezas e conflitos do interior da minha alma. Ao passo que estar próximo dos outros me fazia sentir presente no mundo e distraída com outros afazeres que me faziam esquecer, por alguns momentos, minha angústia sufocante.

O excesso de solidão trazia-me uma facilidade para estar “aberta”, conforme mencionara antes, aos meus devaneios particulares e, por vezes, eu sentia um mal estar como se estivesse ausentando-me de mim mesma. Essa sensação causava-me pânico. Assim, muitas vezes, evitava ficar só, impedindo que meu inconsciente agisse de forma descompensada, anulando minha consciência.

Como eu era muito intensa nas minhas crenças, o fato de estar com alguém exprimia que minha consciência estava atuando, ou seja, que a situação de fato era real, comprovando a minha existência e minha sanidade ao relacionar-me com os outros. E quando estava só, permanecia imersa em dúvidas, entregue às minhas fantasias as quais resgatavam a incerteza sobre o meu ser.

Devido a essas desconfianças, eu preferia passar os domingos rodeada de pessoas e de atividades para cobrir o abismo que havia entre mim, o mundo, e o dia de domingo.

Chorava aos domingos. Não sabia por quê. Mas sabia que era um dia diferente. Ao fim do dia, no anoitecer, o vazio se aproximava. Era o escuro querendo adentrar. Não encarava com naturalidade o permanente ciclo da vida de início e fim, em todos os sentidos, como Eliade o cita (1956, p. 110): “O dia e a noite mostram-nos a ressurreição; a noite deita-se, o dia levanta-se, o dia vai-se, a noite chega.”

Sempre me restava uma dúvida se o dia iria mesmo nascer. Imaginava como seria o mundo se o sol, por algum motivo, não retornasse, iluminando nossos dias. Projetava muitas situações irreais num constante questionamento sobre nossas origens, nosso fim e a ação do mundo sobre nós.

O poder dessa ilusão era tão forte que transbordava sobre mim. Meu corpo não conseguia dar conta dessa exaltação mental que atuava como explosões emocionais.

Tudo o que evitava ousar e pelo que me fazer presente por inteiro, por causa dos meus medos, eu intensificava nas aventuras que vivia sozinha na obscuridade do meu ser.

Ao mesmo tempo em que eu vivia pela metade, poupando todos os riscos possíveis, também vivia plenamente as peripécias que emergiam na minha consciência. Sentia-me nadando incessantemente em um mar profundo, para que a correnteza não me levasse.

3.2 Lembranças fechadas: um olhar desconfiado



Foto: Javier Cencig

Recordo-me de algumas situações no elevador que me deixavam apreensiva quando eu era pequena. Tal desconforto foi incomodando com o tempo, manifestando-se em forma de medo, mas ainda oculto de mim mesma, incubado, ganhando espaços internos que se dissolviam e espalhavam escondidos no meu inconsciente.

Provavelmente reprimi esse impulso de medo e ignorei-o, deixando latente dentro de mim. No entanto, esse disfarce era insuficiente e, por isso,

revelava despercebidamente a minha emoção que transbordava quando me sentia ameaçada diante dos meus medos.

Por muito tempo, fingi que tudo estava sob controle na tentativa de ser maior que meus próprios abalos; porém, enganava-me ao acreditar que esse comportamento de fato assegurava meu eixo. Pelo contrário, essa atitude permitia que meus medos vazassem enraizando-se sobre mim, gerando um campo de força muito forte, acolhendo um complexo que nascia.

Inúmeras vezes subi de elevador acompanhada de vizinhos, já que o andar de meu apartamento normalmente era o mais alto de todos. No percurso, sempre havia uma agitação no seu interior, fosse alguém batendo bola, no chão ou no teto, fosse alguém brincando de brigar, ou qualquer outra movimentação que era o suficiente para balançar o elevador.

Com o tempo, senti-me incomodada com o excesso de inquietação dessas pessoas no elevador e, conseqüentemente, uma semente de medo foi plantada dentro de mim.

Temia aquelas brincadeiras de mau gosto, como por exemplo, acionar o botão de emergência que pára o elevador imediatamente e as portas se abrem. Muitas vezes presenciei cenas em que o elevador parava abruptamente, respondendo aos comandos exigidos, durante o percurso, entre a porta e a parede. Outras vezes, o botão de alarme era acionado só para alarmar algo que não existia.

Esse tipo de comportamento nunca me agradara. Não compreendia como as pessoas se aventuravam a brincar com algo que definitivamente não tem a função de ser um brinquedo. Ainda mais grave era saber que com essa atitude poderiam provocar involuntariamente um descontrole ou pane no sistema existente. Imaginava que o elevador pudesse perder o controle devido ao excesso de comandos exigidos ao mesmo tempo.

Às vezes, juntava um grupo que voltava junto da escola, o qual preenchia praticamente todo o espaço do elevador. A sensação de estar rodeada por um espaço preenchido por pessoas, as quais respiravam o mesmo ar, dentro

de um pequeno quadrado, causava-me um desconforto sufocante, uma claustrofobia ainda incubada. No entanto, não tinha coragem de assumir que sentia medo dessas pequenas situações que, somadas, eram o suficiente para deixarem meu corpo tenso; tampouco deixava de andar.

Guardava esse segredo comigo.

Só eu sabia. E como sabia....

Existia um paradoxo: ao mesmo tempo em que não gostava do excesso de gente dentro daquele quadrado, eu preferia estar com as pessoas a estar só, pois, pelo menos se algum imprevisto acontecesse, teria suporte humano para me acolher.

Lá no meu íntimo, nas minhas conversas comigo mesma, quando me via só no elevador, torcia para que alguém de um andar mais alto que o do meu apartamento pudesse entrar para que eu tivesse um mínimo de conforto humano e não permanecesse sozinha em nenhum momento, durante o trajeto.

O elevador tornou-se um meio de transporte do qual eu não gostava; no entanto, não tinha outra opção senão utilizá-lo. Sempre morei em prédio e, por muito tempo, tive que estabelecer um acordo comigo mesma para suportar e enfrentar esse “fantasma”, uma vez que fazia parte do meu dia-a-dia.

Desde pequena, tornei-me desconfiada das coisas. O excesso de controle que eu almejava ter sobre todas as coisas, sobretudo sobre mim, não me permitia confiar plenamente nas atividades repetitivas de uma máquina, principalmente pelo fato de eu estar dentro dela e, por isso, vulnerável.

O elevador trazia-me a sensação de isolamento total. Ao entrar, fecham-se todas as possibilidades de contato com o mundo exterior. Permanecia nele, aguardando o momento da porta se abrir. Durante o percurso, minha mente vibrava de tanto pensar.

Não existe silêncio interno nem externo.

Ouvia o barulho dos cabos de aço que suspendem o elevador. Às vezes, ouvia ruídos diferentes do habitual fazendo meu corpo enrijecer

imediatamente. E internamente, outras vozes sussuravam em mim mesma antecipando a rigidez do meu corpo.

Suspeitava da força dos cabos.

Pensava que eles pudessem se romper, provocando a queda do elevador; ou que eles pudessem parar de funcionar subitamente, causando um impacto ao ser freado.

Imaginava que a força elétrica podia cessar, as luzes apagarem e o elevador permanecer parado. Estar dentro de uma estrutura que pressupõe um deslocamento, mas que não se move, gera desconforto justamente por saber que algo não deve estar funcionando e, por isso, estabiliza-se imóvel. E fechado.

Tinha a consciência de que, a partir do momento em que entrasse nesse espaço, estaria submetida ao controle dessa máquina. Se algum desses eventos acontecesse e as portas não se abrissem, o que restava era esperar.

Não consigo imaginar minha reação. Só sei que, certamente, não seria uma espera inerte. Meu mundo não se configurava mais como um conto de fadas como na época em que estivera dentro do poço. Lá, eu permanecera passiva aguardando socorro, que eu sabia que viria. Neste caso, ficar só, presa, e possivelmente nas alturas, era o suficiente para amolecer meu corpo.

Cada elevador em que eu tinha que entrar era um sacrifício, uma tensão entre assumir o medo ou criar coragem, assim como meu corpo esboça esse conflito durante a *Cena Quatro*, antes de iniciar sua travessia, simbolizada pela passagem estreita.

Lembro-me de que uma vez, acompanhada de meu pai e meu irmão, entramos os três no elevador e acionamos o botão para subir. Quando estávamos prestes a chegar, o elevador parou bruscamente e apagaram-se as luzes. A energia fora interrompida.

Imediatamente, peguei meu irmão num toque apreensivo e permaneci abraçada a ele, escondendo meu rosto no seu peito procurando conforto através do contato corporal. Ele acendeu as luzes do relógio para tirar o escuro em que nada se via.

Senti-me em um poço fechada e sem saída.

Num ímpeto desesperador, disse-lhe:

- Fala que me ama, fala que me ama!

Essa fala ficou gravada em minha memória.

Nunca me faltara amor e aconchego familiar, mas acredito que, por causa do estado vulnerável em que me encontrava, eu necessitava de uma compensação que me trouxesse um mínimo de conforto e de esperança.

Novamente vi-me imersa dentro da simbólica Caixa de Pandora, só que agora a caixa não era mais o poço, mas sim o elevador, aguardando o socorro externo capaz de me retirar daqueles males psíquicos que eu mesma criara.

Não demoramos a ser socorridos, mas esse episódio fizera-me desconfiar de mim mesma. Além da insegurança que tinha a respeito do funcionamento normal do elevador, eu suspeitava do meu comportamento frente a uma situação como essa que, por alguns segundos, tirava-me a consciência.

Compartilhar com os outros que eu tinha medo de elevador era a mesma coisa que nada. Novamente ninguém compreendia onde se instalava o medo de entrar no elevador e aguardar o seu percurso.

Eu que o diga: muito simplista o pensamento dos outros!

Inquietava-me perceber que as pessoas não viam o perigo tal qual eu o via. Por um lado era até bom, pois se todos pensassem como eu, ninguém mais sairia de casa. Ficariam todos escondidos entre quatro paredes, aparentemente protegidos da vida, ou melhor, tentando escapar das fragilidades da vida.

Como eu sempre tivera um lado racional muito forte, tinha a consciência de que meus problemas, em relação aos medos, não seriam resolvidos se eu simplesmente os evitasse, mesmo porque nem sempre poderia controlá-los. Contudo, nem sempre conseguia enfrentá-los e, por isso, acabava fugindo do que me provocava temor.

Não me lembro exatamente do fato que me fizera tomar essa decisão, mas certo dia assumi que não iria mais andar no elevador de serviço, já

impregnado de sensações que eu trazia desde minha infância. Cansei de lutar contra meus instintos e assumi definitivamente essa fraqueza.

Daquele dia em diante, eu só andaria naquele elevador acompanhada. Certamente estar com alguém não exterminaria as imprevisibilidades às quais essa máquina também está submetida, no entanto, o fato de saber que essa outra pessoa lidaria tranquilamente com a situação, gerava conforto e distração para mim.

Uma forma de combater os tormentos pungentes que se condensavam ininterruptamente em mim quando adentrava o elevador, era voltar para meu eixo do corpo e da psique. Esse eixo, neste caso, é representado corporalmente por um agachar-se, constituindo uma posição fetal em que me sentia segura por fazer com que todas as minhas extensões ficassem próximas de mim mesma, compondo uma unidade.

Por muitas vezes, quando estava esmagada pelo pânico, recorria novamente a esse suposto eixo, na busca de um consolo ou como uma forma de manter-me consciente diante do turbilhão que me desmontava.

Essa cena do agachamento tornou-se um ato inconsciente, uma posição imediata a que meu corpo instintivamente recorria, permanecendo no casulo que a própria estrutura física formava como auto-proteção. Embora não tenha ficado tão visível no vídeo, esse agachamento se faz presente muito rapidamente nas transições quando proponho uma queda e, de imediato, provooco uma suspensão. Nessas quedas, meu corpo agilmente se recompõe, num círculo protetor, antes de voltar ao eixo.

Além dessa necessidade física de resguardo e defesa, às vezes, tinha a necessidade de repetir incessantemente meu nome por completo, confirmando para mim mesma que eu estava não só ciente da minha existência, como também estava apta a reconhecer-me.

Passei a utilizar o elevador social com mais frequência, uma vez que ele oferecia um conforto estético que me permitia não ficar mais tão atenta às minuciosidades dessa máquina, deixando-me um pouco mais segura.

O fato de ter um espelho deixava-me frente a frente comigo mesma. Assim eu poderia constatar, no meu próprio reflexo, a minha existência. Olhar para mim mesma e detectar meus contornos denotavam meu estado lúcido.

Além do espelho, havia no chão, um tapete grosso que bloqueava o contato direto dos meus pés com o chão do elevador. Como sempre estive sensível a esse espaço, eu percebia diferença nas pequenas mudanças que, aos olhos distraídos, passariam despercebidas.

A presença do tapete rompia uma vibração mínima que existe no chão, uma energia que nos faz perceber que algo circula, uma energia diferente de quando o elevador encontra-se parado.

Essa vibração trazia-me uma idéia de esforço, pois se tratava de um deslocamento gerado por uma força maior; nesse caso, não era uma força natural, mas sim, um agente externo capaz de atribuir aceleração a um corpo. Tal esforço sentido pela sola dos meus pés percorria todo o meu esqueleto e, quando essa informação alcançava minha cabeça, meu corpo já tinha anunciado a tensão. O medo já estava em mim.

Lidar com o elevador sempre foi um ato de coragem para mim, uma vez que me sentia constantemente perseguida pelas histórias que eu criava e em que acreditava.

Da mesma forma que o elevador sempre me atormentara, outro espaço fechado também me trouxe muitos medos, o avião. Entrar no túnel que nos encaminha a ele traz-me a mesma idéia de entrar em um túnel onde só existe escuridão, não se tem a luz que conduz a uma saída.

Já na sala de espera, observava o comportamento das pessoas que aguardavam seus vôos. Meu olhar atento perfurava docemente as mentes alheias, com o intuito de roubar-lhes mais uma vez a naturalidade com que as pessoas lidam com o fato de flutuar no meio das nuvens.

Enquanto o elevador me amedronta por ser um local fechado que se movimenta verticalmente, sugerindo altura suficiente para causar-me vertigem e sobre o qual não tenho controle, o avião, por sua vez, também permanece

fechado, no entanto, a capacidade de sobrevoar alturas que excedem à capacidade física de sobrevivência humana é suficiente para sentir-me tragada pelo próprio espaço que circunda o avião: o vácuo cósmico!

Minha imaginação não consegue acompanhar tamanho empenho que um avião deve fazer para lançar-se ao céu, desbravando todas as tormentas que a natureza, por vezes, manifesta.

Embora tenha deixado de andar de avião algumas vezes, reconhecia que não poderia me privar sempre da facilidade desse meio de transporte por causa dos meus medos, uma vez que esse é um meio seguro de locomoção.

Precisava mais uma vez atravessar esse medo que me limitava e suportar esse sertão que eu criara.

Não concebia que as pessoas confiassem nessa entrega de sentarem-se a poltrona e aguardarem passivamente seu destino. Detecto que essa atitude é incrivelmente plausível na medida em que, cientes da ausência de controle sobre qualquer imprevisto, o que resta é arriscarem-se.



Foto: Javier Cencig

Mas meu corpo não cede, minha mente não permite, sinto o frio partindo dos pés e alastrando-se em meus ossos. Sinto uma vertigem na alma, sinto-me leve como uma pena que está prestes a flutuar e a transitar por dimensões turvas e nebulosas.

Meu solo desmoronou, meu sertão cedeu, meus pés já não sentiam mais apoios reais, se é que um dia o sentiram. Meus pés pisam sobre um chão debaixo do qual se rasga no vento, no espaço, na chuva, na neblina, no trovão e enfim atravessa o mundo. Essa sensação aproxima-se da *Cena Quatro* quando faço a passagem pelo corredor estreito.

Enquanto a viagem é tranqüila para uns, é um devaneio infinito para mim. Minha viagem é voltada para uma esfera íntima, é um impulso que me faz entrar em contato com um desespero subjetivo que vive penetrado no abismo que construo sob meus próprios pés. Neste trajeto obscuro e ausente de matérias visíveis, vivo sozinha minha asfixia.

Ao permitir-me viver essa experiência, passo por cima de mim mesma. Todos os princípios e medos que me regem tendem a dissolverem-se em líquido de modo que possam evaporar, como num estado gasoso, sem deixar nenhum vestígio.

Perco minhas raízes e tateio vagamente no meu universo íntimo, mas com muito cuidado, pois tudo que me cerca é movediço. Não posso deixar-me atolar em mim mesma.

Proponho um acordo tácito entre mim e tudo que se consterna à minha volta nesse momento. Um acordo que postula a entrega, a passividade e, por fim, a coragem.

Na *Cena Quatro*, diante de muitas resistências medrosas, eu acabo cedendo ao corredor estreito, e não tenho outra opção senão enfrentá-lo. Ao final desta travessia, uma luz clara reflete nos tijolos simbolizando uma saída, no entanto, permaneço um tempo tentando me desgrudar das referências escuras, das vozes, mas aos poucos vou me libertando e ousando meus passos para fora desse corredor.

Assim que vou em direção à luz, meu corpo reage ferozmente com movimentos agitados, instáveis, permeados de muita incerteza. Nesse momento, chego a ficar no limiar imaginário que divide esses dois espaços como se estivesse sendo seduzida por minhas próprias vozes inconscientes, mas a própria dinâmica rápida do meu corpo ajuda a desgarrar-me dessas referências, assim como a manga que retiro do braço direito, que também reflete a necessidade de soltar-se a tudo que venha me aprisionar.

Embora essa manga não tenha a intenção de encerrar-me como uma presa, quando proponho a retirada, sinto-me com um adereço a menos que aparentemente me protegia ou me camuflava.

É uma tentativa de, aos poucos, desfazer de tudo que me cobre e, conseqüentemente, deixar-me cada vez mais crua, sem couraças, restando-me apenas a percepção direta da minha pele para com o mundo.

Paralelamente a essa dinâmica corporal ligeira, junto com o som das vozes, insere-se na cena um barulho de vento, retomando a idéia da sua ação cega e violenta sobre mim. A cena se finaliza com as mangas na minha mão e meu corpo encostado na parede.

A partir do momento em que assumo minha coragem e adentro esse ambiente cerrado, o avião, tenho que aceitar as condições que ele me impõe e por isso, tenho que ceder. Tenho que estar apta a viver instantes de excepcional lucidez nessa inquietação que vibrava internamente.

Flutuar no ar, na expectativa de atingir as margens desse imenso vão, faz-me transpor meus medos. Durante essa travessia seca, avisto apenas cores que se alternam no branco, no preto e, por vezes, num avermelhado que indica a luz do sol. Além disso, sinto-me imersa num espaço sem fim, que não tem contornos de início nem de chegada, apenas uma continuidade que não cessa nunca.

Esse prolongamento ininterrupto obriga-me a viver presentemente essa árdua travessia que me rasga por inteiro, me estilhaça, me faz penetrar no máximo que consigo do meu universo íntimo e onírico. Da mesma forma, a

personagem Riobaldo, do livro de Rosa (1974, p. 107) esbalda-se quando avista pela primeira vez um infinito de água: “o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio. Aquele, aquele dia.”

Na primeira vez que fui condicionada a fazer um trajeto de avião, sentei-me e pedi a uma amiga que estava ao lado que me desse as mãos. Essa cena das mãos entrelaçadas perpetuou-se em todas as viagens para os momentos de decolagem e de aterrissagem.

O contato com as mãos alheias trazia-me força e proteção. Por menor que seja, esse ato traz-me calor humano acalmando um pouco meu estado apavorante.

Ao ouvir o motor e as turbinas emitindo um som alto, esquentando-se para suas funções, meu coração pulou. O desespero já estava instalado, mas eu precisava suportar aqueles sons, que vibravam como ecos em mim, e buscar meu eixo.

As pessoas permaneciam sentadas em suas poltronas como se estivessem no conforto de suas casas. Observar que os outros ignoravam todas as minuciosidades em que eu me apegava trazia-me consolo, embora meu estado ainda fosse alarmante.

Conforme o barulho atingia alturas estridentes, minha perturbação aumentava. Eu sentia que era preciso mobilizar muitos instrumentos para que o avião conseguisse sair do chão e alcançar vôo.

Essa preparação da máquina diante dos meus olhos deixava-me ainda mais vulnerável e impotente. Simplesmente tinha que ceder!

Quando o avião perdeu o contato com o asfalto e o barulho foi aos poucos cessando, senti um silêncio grotesco, um hiato, como se as turbinas tivessem parado de funcionar, sentia um nada. Por uns instantes, diante de tanta expectativa, nada acontecia, nada se sentia. Imediatamente depois, eu sentia uma pressão contra meu corpo, pois o avião ainda não tinha atingido sua posição confortável, a horizontal, provocando mal estar em mim.

A palavra transbordou de mim em forma de grito:

- Socorro!

Saint-Exupéry descreve essa decolagem trazendo a participação dinâmica do piloto: (1986, p.48):

Quando os motores começam a trabalhar, quando o avião já sulca o mar, seu casco soa como um gongo ao choque das marolas e o piloto sente esse trabalho no tremor de seus rins. Sente que o hidravião, segundo por segundo, à medida que vai ganhando velocidade, vai se enchendo de poder. Sente maturidade que permite o vôo. O piloto firma bem as mãos no comando, à medida que lhe entregam esse dom, se fazem mensageiros de sua potência. Quando ela esta madura, o piloto segura o avião das águas e o eleva no ar com um gesto mais leve que o de colher uma flor.

Esse suposto poder concedido ao piloto é quando ele, em sua embriaguez dinâmica, integra-se à sua máquina e promove simbolicamente a “destilação alquímica”, ficando-se à máquina, apoderando-se dela, mas ao mesmo tempo, criando condições para que ela alcance vôo e liberte-se.

Lembro-me perfeitamente da expressão no rosto das pessoas que olharam para trás em busca da fonte daquela voz e assustei-me ao ver as feições assustadas que nada mais eram do que o reflexo de mim.

Os rostos pálidos despertaram em mim uma necessidade de reverter a passividade amedrontada dos olhos alheios sobre mim. Não podia aceitar que tivessem pena de mim por causa das minhas ebulições internas que são invisíveis ao olhar externo, eu tinha que me reorientar e achar meu eixo.

Naquele momento, eu precisava traçar um círculo imaginário ao meu redor e esquecer toda a condição real na qual eu me encontrava. Não adiantava querer compreender cada barulho, cada desvio, cada turbulência, cada silêncio. Eu precisava paralisar todo o meu ímpeto e o desejo de controle de tudo.

Essa fragilidade tendo que se transformar em coragem e força foi a maior travessia de mim mesma. Esse poder oculto que se revelou

inconscientemente naquele momento, movido por um pulso mórbido, desvendou um poder sobrenatural que refletiu um ensejo de viver e de combater os delírios fugazes. Toda a plasticidade frágil da alma humana atingiu sua face oposta, revertendo-se em força de sobrevivência.

Essa estranheza repercutia de forma perturbadora em mim. O vazio transformou-se em abundância e o desespero em vida. Fui forçada não só a viver aquela realidade, como a atravessá-la.

Sentia-me em carne viva!

4. Capítulo III - Reflexo da água (Cena 5)

4.1 Medo de ter medo



Foto: Javier Cencig

Mais um domingo se aproximava e, depois de muito choro, cujo fundamento real não conseguia detectar, tive que pedir socorro. Mais uma vez cansei de fingir ter coragem. Rosa completa (1974, p. 119):

Desespero quieto às vezes é o melhor remédio que há. Que alarga o mundo e põe a criatura solta. Medo agarra a gente é pelo enraizado. Fui indo. De repente, de repente, tomei em mim o gole de um pensamento – estralo de ouro: pedrinha de ouro. E conheci o que é socorro.

Fui parar num psiquiatra.

Na sala de espera, aguardava ansiosamente as respostas médicas a respeito do meu diagnóstico. Senti-me fragilizada naquele ambiente. Estava novamente no fundo do poço, mas agora não era uma situação física e sim psicológica.

Tinha a impressão de que, se eu descesse mais um pouco, sairia de mim, ou seja, perderia definitivamente o controle.

Ao entrar na sala, o médico trancou uma porta e, logo em seguida, num espaço menor de um metro, havia outra porta. Fechou-a e trancou-a também. Por uns instantes, tive internamente desejo de abrir aquelas portas e sair correndo. Não tive coragem.

Senti-me acorrentada naquela sala. O fato de estar fechada sob duas portas deixou-me com a sensação de estar submetida ao controle médico. Não que isso fosse ruim, mas nesse caso, ficava subentendido que esse excesso de enclausuramento significava uma forma de impedir que eu viesse a me manifestar.

Aquela interdição explícita deixava-me mais insegura quanto à minha falta de controle de consciência. Sentia-me medida da cabeça aos pés, como se estivesse fora do padrão da normalidade.

Sentei e comecei a enumerar o caos em que eu me encontrava.

E chorava.

Ao terminar a sessão, o médico informou-me que eu tinha síndrome do pânico; que eu deveria fazer terapia três vezes por semana e tomar um remédio de tarja preta.

Meu mundo despencou.

Ele destrancou as portas, uma em seguida da outra, e vi-me liberta daquele espaço que me aprisionava.

Saí acompanhada de minha mãe com os braços dados. Sentia-me fraca.

Dessa vez, eu não tinha por onde escapar. Já tinha um diagnóstico médico que comprovava o que eu temia: que eu não estava normal.

A partir de então, minha família começou a compreender que minhas crises não eram apenas um fato físico, mas sim psicológico também.

Sentia-me muito fraca, como se eu não tivesse possibilidades de pelear contra aquilo. A passagem pelo médico deixou-me desacreditada da minha condição. Eu não conseguia vislumbrar um bom êxito para o meu caso.

Minha fragilidade acentuou-se.

Além de temer os dias de domingo, passei a ter receio de dormir na noite de domingo para segunda-feira. Minha apreensão salientava-se exatamente nessa noite. Comecei a ter medo de dormir e não acordar mais.

Não queria me entregar ao sono. Nem ao escuro, nem aos sonhos, nem ao desconhecido. Saint-Exupéry (1986, p. 58) descreve essa solidão, e essa fragilidade, assim como eu me sentia:

Meditava sobre minha condição, perdido no deserto e ameaçado, nu entre as areias e as estrelas, afastado por um longo silêncio dos pólos de minha vida....Não possuía mais nada no mundo. Era apenas um mortal perdido entre as areias e as estrelas, consciente da única doçura de respirar.

Meu desejo era permanecer alerta, com a expectativa de conseguir bloquear qualquer ação externa que me desorientasse.

Não queria mais dormir sozinha.

Precisava de alguém por perto que pudesse fazer-se presente para que eu não me sentisse só. De solidão já bastava a nossa própria existência.

Compreender que, na verdade, somos sós era uma realidade que eu não conseguia aceitar. Por mais que tenhamos referências familiares e outras relações que vamos construindo no decorrer da vida, apenas nós mesmos somos responsáveis pelos nossos atos.

Descobrir que, no fundo, cada um é responsável por si, trazia um peso maior ainda. Rosa (1974, p. 47) ressalta: “a colheita é comum, mas o capinar é sozinho.”

Naquele momento, eu percebera que apenas eu poderia me salvar. Eu precisava de uma orientação externa para me ajudar, mas na realidade, tudo dependeria da minha vontade de colaborar comigo mesma.

Apenas eu sabia o quanto presa estava em mim mesma. Apenas eu sentia os tremores que se difundiam em mim, apenas eu observava a vida com desconfiança.

Compreendi que nessa nova etapa eu deveria assumir o meu jeito de ser, minha personalidade e minha visão das coisas. Entraria num outro conflito de descobertas pessoais que deveriam ser vencidas por mim mesma.

Decidi procurar outro médico para ter outras referências e perspectivas. Não tomei nenhum remédio.

Meu corpo tornou-se mais medroso, uma vez que fora constatado algo que não estava normal em mim.

Ao me deitar todas as noites, meus pensamentos permaneciam agitados. Indagava-me sobre a capacidade do corpo humano perder a consciência para deixar o sono agir. Tentava ficar alerta para não passar do limiar que me deixava desperta.

Além disso, questionava-me sempre sobre a não interrupção das nossas atividades vitais. O fato dos nossos órgãos e sistemas internos não romperem nunca suas funções, mesmo quando dormimos, isso me fazia refletir sobre a durabilidade deles e a importância de mantê-los ativos.

Ficava inquieta com o fato de dependermos desses órgãos sempre em ação, o que acentua o poder que eles têm sobre nós. Ao mesmo tempo em que são essenciais e vitais, também são muito frágeis e delicados.

Não queria mais dormir sozinha. Sempre queria alguém por perto.

Temia que meu coração parasse de bater por cansaço ou desgaste.

Novamente fui em busca de socorro. Meu corpo gritava internamente. Procurei uma psicóloga. Queria pisar num chão mais firme, sentia-me desenraizada de tudo. Esse solo flutuante deixava-me sem norte, sem eixo. Sentia que a falta desse eixo permitia que minha alma se ausentasse do meu corpo e essa ausência tirava minha identidade.

Minhas lágrimas não se continham já na sala de espera. Reviver tudo isso, debruçar-se sobre mim mesma e aceitar minhas fragilidades deixavam-me muito vulnerável.

Vi-me frente a frente comigo mesma. Não dava para fugir de mim, nem da minha sombra. Pelo contrário, eu deveria confrontar tudo que se referisse a mim.

Ao relatar minhas angústias e medos, parecia que todas as situações anteriores tomavam formas menores e até insignificantes.

Descascar a minha essência e dialogar com o conteúdo que ia sendo desnudado ajudava a elaborar toda a vivência sob a perspectiva de um olhar externo que, fora da situação de perigo, permitia que a consciência atuasse normalmente, sem a interferência fantasiosa do medo em ação.

A psicóloga ouviu-me atentamente e, por vezes, olhava-me com uma feição de quem queria me compreender, diante de tamanho caos.

Ao finalizar todo o meu discurso acompanhado de muito choro, ela consolou-me dizendo que era apenas o início de uma síndrome do pânico, e que iríamos tratar antes que essa doença se espalhasse em mim.

Quanta simplicidade!

De repente, constatei que ainda havia tempo para reverter essa crença de que eu não estava normal, apenas estava fechada em mim mesma.

Por alguns instantes, senti-me muito grande. Uma coragem tomou conta de mim. Senti-me como uma estrela solitária prestes a brilhar.



Foto: Izabel Goudart

Descortinar meus dramas para um olhar externo, permitindo que ele aponte as feridas ou amplie os caminhos a trilhar, trouxe-me uma segurança justamente por não me sentir mais tão só.

Poder dialogar sobre minhas peregrinações fantasmagóricas ou não, ou sobre minhas descidas no vácuo, as quais eram responsáveis pelo labirinto obscuro em que me encontrava, trazia-me um entendimento sobre mim mesma, permitindo-me distinguir o que de fato me amedrontava.

O compromisso assumido por mim perante a psicóloga, o qual firmava uma troca tendo como base o diálogo, pressupunha uma organização do caos. Uma vez que necessitava externar a minha compreensão de mundo e a forma

como me comporto nele, obrigatoriamente tinha que mostrar forma visível, por meio da fala, à invisibilidade das sombras que me assustavam.

Percebi que eu era a maior, senão a única, responsável pela minha fraqueza de espírito. Cobia-me modificar o viés pelo qual eu me fazia presente. Eu tinha que ser mais forte do que as fantasias que eu mesma criava.

Sabia que a única luz de que eu dispunha era minha consciência. Jung (1963, p. 86) relata sobre essa descoberta: “O conhecimento de mim mesmo era o único e maior tesouro que possuía. Apesar de infinitamente pequeno e frágil comparado aos poderes da sombra, era uma luz, minha única luz.”

Nesse momento, no vídeo, acabo de sair da *Cena Quatro* avistando minha própria sombra nas paredes de tijolo, ao mesmo tempo em que enxergo uma luz adiante. O ambiente, caracterizado pelo término de uma passagem conflituosa e repleto de vozes e ventos que tentam me desestabilizar, provoca-me uma necessidade de ruptura, através da minha dança e, por isso, consigo aproximar-me dessa luz que quer me adentrar. Essa luz que está presente na cena pode significar não só a claridade real e física, como também a minha própria luz que me guia, ou que, neste momento, eu me fizera enxergar.

O simples fato de conseguir falar e expor para a psicóloga já significava uma estabilidade, uma terra firme que sustenta e aconchega o ser.

Relatei que lugares muito fechados provocavam-me um mal-estar, uma sensação de estar desligando-me do mundo. Esse suposto afastamento do mundo real remetia-me à situação na qual eu me encontrava enquanto estivera dentro do poço e, posteriormente, à sensação de estar fechada no elevador.

Embora durante a queda eu não tenha manifestado um temor excessivo, pelo contrário, esbocei apenas um medo natural, as impressões que ficaram registradas no meu inconsciente, provavelmente, vieram a exprimir-se muito tempo depois, acentuando o desconforto diante da situação de isolamento momentâneo.

Além do medo excessivo relacionado à morte, o qual vinha e me desorientava, independente do lugar, sem nenhuma razão específica nem

concreta para existir, as coisas que eu podia identificar como ameaçadoras eram o elevador e o avião. Em ambos os casos, além da claustrofobia que eles despertavam em mim, eu tinha que lidar com a altura que eles alcançavam para realizarem seus percursos, o que pressupunha um distanciamento da terra e, portanto, das pessoas.

Repetidamente cheguei a sonhar com o elevador e, em um dos casos, durante seu deslocamento, meu desespero fez-me acordar quando percebi que ele subia, subia e não parava mais.

Essa fobia ao extremo estava tão colada em mim, que os meus sonhos davam continuidade aos devaneios reais.

Diante desses medos, passei uma época tão perturbada com a presença da morte nos meus pensamentos, que eu só enxergava as coisas contaminadas por uma falta de expectativa advinda da noção do término.

Embora estivesse um pouco mais calma por saber que eu não tinha nenhum problema grave, meus medos permaneceram ainda, por algum tempo, ligados a mim.

Foi uma época em que estava tão impregnada pela idéia do corpo ausente, do corpo imóvel, do corpo sem vida, que todas as vezes em que atravessava a rua, eu precisava constatar que, de fato, meu corpo não estava estendido no chão, morto. Imaginava que minha alma é que estava andando, mas que meu corpo estivesse inerte.

Essa cena acompanhou-me por muito tempo. Tinha medo de que minha alma saísse do meu corpo e o meu “eu” permanecesse com a alma, livre e liberta da carne, e sem a presença física. Olhar para trás para certificar-me de que minha alma estava comigo e, portanto com o corpo, levava-me a um estado de dúvida e insegurança quanto à minha existência, mas eu o fazia justamente porque, em certos momentos, desconfiava de mim mesma.

Ao deitar-me, ficava à espera do momento em que ia ceder ao sono. Como racionalmente eu não queria permitir esse fato, embora quisesse dormir, muitas vezes, quando percebia que estava cedendo ao desconhecido, eu reagia

ferozmente como num susto. Meu coração disparava. E mais uma vez era tomada por um medo e pela aceleração cardíaca que me deixavam com a boca seca, sem saliva.

A insônia pairava em meus olhos por resistir à minha própria vontade de dormir. O excesso de controle que eu desejava ter sobre mim mesma não me deixava viver.



Foto: Izabel Goudart

Perambulava pela casa à noite buscando uma ocupação ou qualquer distração que me fizesse desviar da atenção excessiva que eu projetava sobre o meu sono.

Observava as pessoas dormindo tranquilamente e admirava-as por confiarem em si mesmas. Confiarem na entrega da alma aos sonhos, ousando um passo no escuro.

Sentia-me engessada em mim mesma. Não podia conceber a idéia de simplesmente viver sem ter meus artifícios que me protegiam; por isso, continuava vivendo pela metade. Rosa fala sobre a coragem que a vida nos obriga a ter (1974, p. 242):

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito – por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia.

Percebi que, muitas vezes, depois de algum tempo de análise, minha precaução antecipava uma proteção contra o medo. De repente, defrontava-me com uma situação que já despertara inquietação e pavor anteriormente e, por isso, simulava uma tensão corporal à espera do desconforto avassalador que concretizava o medo em meu corpo.

Contudo, aos poucos, observei que, em alguns casos, essa espera era surpreendida por um acontecimento diferente do habitual: o medo não mais atravessava meu corpo sempre quando o esperava. Rosa descreve essa situação (1974, p. 118):

Tem diversas invenções de medo, eu sei, o senhor sabe. Pior de todas é essa: que tonteia primeiro, depois esvazia. Medo que já principia com um grande cansaço. Em minhas fontes, cocei o aviso de que um suor

meu esfriava. Medo do que pode haver sempre e ainda não há. O senhor me entende: costas do mundo.

A precaução expressada pela espera do temor tornou-se mais evidente do que o próprio fato que costumava se manifestar.

Estava com medo de ter medo!

Viver pela metade já era intrínseco ao meu cotidiano de tal modo, que eu aguardava, buscando uma proteção diante do momento que sempre me abatia.

Precisava compreender que as relações que eu fora construindo com a vida, modificavam-se na medida em que eu, ciente das peregrinações hipnóticas que imprimiam estados vibrantes sobre minha pele, processava as informações sobre mim mesma, emergindo das aventuras interiores e superando os traumas anteriormente condensados em minha mente.

Vivia um vertiginoso conflito entre a liberdade e a tensão. A liberdade, justamente por conseguir me livrar de uma sensação que beirava um suposto delírio; e a tensão, explicada por uma espera que provocava um tônus e enrijecimento corporal desencadeando uma palpitação interna.

Era preciso tomar coragem para assumir que, em determinados momentos, eu já era mais forte do que meus próprios medos.

Rosa (1974, p. 22) define o sertão assim: “sertão é onde o pensamento da gente se torna mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...”

Essa definição encaixa-se perfeitamente em todas as situações de medo que vivi. Em todas elas, o perigo manifestava-se muito mais nas minhas criações do que de fato na realidade. Meu pensamento medroso, por infinitas vezes, foi muito mais forte do que a verdadeira situação de perigo que o lugar simbolizava.

4.2 Sombras e o meu sertão

Toda a minha asfixia era resultado de um medo tão intenso, que eu aniquilava minha ousadia e permanecia presa a um estado que estabelecera como forma de auto-controle. Não podia arriscar mais do que eu imaginava que poderia suportar.

Estava vivendo no meu próprio deserto, no meu sertão. Saint-Exupéry (1986, p. 70/71) relata esse estado:

Mesmo um homem, a dois passos de nós, um homem que se encerrou em seu claustro e vive segundo regras para nós desconhecidas é como se habitasse nas solidões do Tibete, longe que nenhum avião nos levaria até lá, nunca. Nada nos adiantaria a visitar a sua cela. Ela está vazia. O império do homem é interior. Assim também o deserto não é feito de areia nem dos tuaregues nem dos mouros armados de fuzil..

Mas acontece que um dia sentimos sede. E aquele poço que já conhecíamos só agora descobrimos que resplandece na amplidão. Assim uma invisível mulher enche de encantamento uma casa. Um poço vive a distância, como o amor.

As areias são, a princípio, desertas. Mas vem o dia em que, temendo a aproximação de um rezzou, vemos, naquelas areias, as dobras do grande manto em que ele se envolve. E assim o rezzou também transfigura as areias...

Aceitamos as regras do jogo: o jogo nos faz, agora, à sua imagem. O Saara, é em nós que ele se mostra. Abordá-lo não é visitar um oásis. É fazer, de uma fonte, nossa religião.

Minha cela era eu mesma e o sertão me habitava nesse silêncio, como uma cilada. Eu deveria adentrar meu mundo para poder compreender meus mecanismos de sobrevivência e proteção diante das minhas próprias fragilidades. Uma vez reconhecida a minha natureza individual, eu estaria apta a colocar-me frente a frente com o que me trazia calafrios e a superar minhas fraquezas,

contudo nem sempre conseguiria ser maior que meu medo, pois como Rosa (1974, p. 56) afirma: “Viver é um descuido prosseguido.”

Diante desse descuido, toda prudência é necessária, pois toda estabilidade é temporária, como coloca Rosa (1974, p. 121): “Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo.”

Houve uma época em que se acentuou um pesar sobre a idéia de conseguir realmente viver dia após dia. Como meu foco continuava atento aos imprevistos, buscando estar sempre pronta para proteger-me, lembro-me de que despertava muito cedo, antes do horário previsto. Minha ansiedade para enfrentar o dia-a-dia palpitava.

Acordava e ia deitar-me entre meus pais. Precisava dialogar com eles, expor minha dura visão e preparar-me psicologicamente para mais um dia.

Cada dia eu criava uma nova forma de enfrentar a vida. Rosa define (1974, p. 241): “Vida é sorte perigosa passada na obrigação: toda noite é rio-abaixo, todo dia é escuridão.”

Como não dava para fugir dessas instabilidades, tanto advindas de mim mesma como das situações externas, o jeito era enfrentar. Quanto mais eu quisesse fugir, mais eu ia trilhar na névoa das incertezas, correndo o risco de definitivamente perder o contato comigo mesma, deixando levar-me pelos meus medos mais escondidos e desconhecidos.

Ainda na cama, eu espiava uma pequena fresta da persiana que permanecia aberta para clarear o quarto ao amanhecer e, por meio dela, eu acompanhava o dia que, aos poucos, adquiria luz e cor. Ouvia os pássaros que circulavam juntos dançando o despertar.

Ouvia o motor dos ônibus que circulavam indicando um novo começo, um novo dia. Todas essas imagens ficavam impregnadas em mim mostrando-me que, a cada nascer do sol, as pessoas retomavam suas rotinas, naturalmente. E era essa forma natural com que as pessoas lidavam com seu cotidiano é que me encantava. Fazia-me bem perceber que, embora cada um tivesse uma dificuldade, a necessidade de dar continuidade à vida era maior do que os empecilhos.

Eu repassava minhas obrigações do dia mentalmente e tentava, nesse momento, envolvida no calor humano dos meus pais, buscar força e esperança para acreditar no desempenho de mais um dia de minha vida.

Minha ambição pairava sobre a esperança de que eu resistisse às tempestades internas criadas por mim mesma e me libertasse dessa insegurança que me rodeava, mas não era nada fácil.

Meu desejo era que esse dia fosse torneado pela mesma simplicidade que eu projetava nas impressões vistas por uma fresta de luz que avistava, ainda cedo, pela janela.

Eu precisava atravessar um grande vão que se refletia como um abismo diante de meus olhos. Esse vão chamava-se coragem!

Quando esgotava aquele pouco tempo matutino dedicado às minhas reflexões, pois o relógio apontava logo o horário para despertar, eu tinha que me vestir de energia moral para enfrentar mais um dia.

E como esse momento era grande e difícil para mim!

Mais uma vez, sentia-me solitária. Era um esforço individual, árduo e persistente.

Minha fragilidade era tão intensa, que eu deveria cobrir-me de proteção para que meu corpo não desvanecesse facilmente. Minhas couraças teriam a função de livrar-me do que me amedrontava, dirigindo-me a lugares e a pessoas que me transmitissem aconchego e alegrias.

Era uma forma de eu não descascar.

Assim, eu começava a me ajudar. Buscava atravessar os corpos alheios invadindo as almas que brilhavam de longe por uma grande vontade de viver. Não que eu não quisesse viver, mas faltava-me uma energia vital que fizesse minha circulação vibrar e trouxesse o desejo insaciável de vencer.

Absorvi uma frase que ouvia frequentemente de meu pai: - “Você tem medo até da sombra!”

Essa afirmação sempre esteve depositada no meu consciente e, na medida em que meu medo evidenciava muito mais como uma insegurança do que

uma apreensão real, assim como Rosa (1974) o dizia sobre o sertão, eu tropeçava, não só com a lembrança dessa fala, mas de fato, com a minha sombra que era o reflexo de um eu desconhecido. Era um rastro de mim que se manifestava e eu me sentia ameaçada por ele.

Esse desdobrar de mim mesma refletia um estado latente de ebulição deste meu corpo que buscava espaços internos. Esses espaços eram os olhos internos que observavam meu eu por dentro de mim.

Os medos que teciam meu ser obrigaram-me a penetrar nesses espaços. Entre eles, havia as brechas e os buracos que se refletiam como sombras.

Esse “escuro disfarçado” amedrontava-me.

Encarar minha sombra era aceitar uma das facetas da minha personalidade, mas o medo não me permitia encarar.

Ao mesmo tempo em que não tinha coragem de colocar-me diante desse “outro ser”, eu me via obrigada a encará-lo, a partir do momento em que não poderia mais fugir de minhas próprias assombrações.

Uma forma palpável de enxergar uma de minhas sombras era através da minha imagem refletida no espelho. Muitas vezes, ao acompanhar a trajetória dessa imagem, sentia-me estranha por reconhecer-me fora de mim.

Ao ver-me refletida diante do espelho era surpreendida por instantes que pendulavam ora por um reconhecimento de mim mesma, ora por um impulso assustador seguido de um questionamento sobre quem eu era.

O reflexo, quando rejeitado por nós, por algum motivo, seria uma não aprovação ou, até mesmo o encontro com algo desconhecido. Campbell (1990) afirma que quando a mente se deixa aprisionar pela imagem externa, impedindo que o indivíduo tenha referência de si mesmo é porque ele se encontra com dificuldade de manter o mundo interior e o exterior em movimento.

O mundo interior é o das exigências, das energias, da estrutura e das possibilidades. Uma vez que o meu reflexo me atormenta, é porque meu mundo interior transborda anulando minha referência externa.

Por causa dessas experiências, sentia-me numa luta incessante com os diversos “eus” que compunham minha pessoa e eu, arduamente, entrava em contato com eles.

Rosa enfatiza: (1974, p. 289): “Sertão – se diz – o senhor querendo procurar nunca não encontra. De repente, por si, quando agente não espera, o Sertão vem.”

E eu sentia que vinha....

Vinha tão de repente, que eu chegava a naufragar diante da imensidão do meu próprio Sertão.

A *Cena Cinco* dá continuidade à dinâmica corporal exaltada que finalizou a *Cena Quatro*. Meu corpo está diante de uma poça de água que se move refletindo minha movimentação intensa. Quando as vozes se calam meu corpo imediatamente se abaixa, voltando à posição de auto-proteção, e em seguida, o som do vento também cessa. Permaneço abaixada observando meu reflexo no espelho. As águas já estão calmas, apenas algum gotejo a faz vibrar.

Nesse momento, reconheço-me diante do meu reflexo. Tiro a manga esquerda do meu braço, novamente desfazendo-me dos excessos e buscando o que sou eu. Olho-me sob as águas e aceito minha própria imagem.

Essa cena finaliza-se com meu corpo em pé, de braços abertos e o reflexo na água.

Cada vez mais eu deveria ter coragem de atravessar esse Sertão. Este Sertão não é o mesmo sertão físico que Riobaldo, protagonista da história de Rosa (1974) adentrou, mas ampliando esse espaço para uma identificação coletiva. Esse Sertão é a busca do auto-conhecimento.

Neste ponto, a minha viagem interna que teve o fator medo como propulsor a busca, colocou-me frente a frente com os segredos da vida. Muito mais do que os medos específicos que menciono, esse trilhar despertou-me muito cedo para as descobertas humanas, de uma maneira muito angustiante, permanecendo as ambivalências e dúvidas da realidade eternamente mutante.

Nesse trajeto, busquei um ardente desejo de conciliar a esfera densa dos rastros sinuosos de nossa essência, com os desdobramentos externos e mundanos aos quais estamos submetidos.

O livro *Grande Sertão: Veredas* parte das reflexões do protagonista que as conta revelando, sua “matéria vertente”, descrevendo nada mais do que a própria vida no seu mais amplo sentido: a vida dinâmica e passageira. Não se trata apenas da vida de um sertanejo, mas de um destino individual que se torna um fado humano, e por isso, coletivo. A “matéria vertente” de que flui ininterruptamente a matéria íntima da personagem torna-se muito significativa na medida em que esse ser singular torna-se o reflexo de um universo todo, espelhando a condição do ser humano.

Neste sentido, Durães (1999) identifica esse contar da “matéria vertente” com o infinito fluir de um rio, como uma busca eterna de um desfecho ou de uma compreensão que nunca podemos ao certo finalizar, uma vez que as idéias se movem e resvalam assim como a dinâmica da vida.

É neste ponto que me aproximo da história de Guimarães Rosa, identificando minha fragilidade e meu sertão pessoal, e faço perceber que meu universo particular descrito aqui também terá as ressonâncias coletivas para um leitor que enxergue neste meu processo, de recriação da memória, algum eixo que se amplie e traga ramificações reflexivas para o outro.

Tal pensamento compreende a natureza física à qual Riobaldo está submetido, o sertão, como um universo além das condições individuais em que se atola, é o sertão como um reflexo da vida de forma coletiva, pertencente a todos.

Vê-se que esse sertão é muito mais do que um lugar físico específico. Ele transcende a essa definição e deixa rastros estilhaçados onde quer que seja, pois se encontra em qualquer lugar.

Durães (1999, p. 126) explica esse sertão:

Se o sertão é a interiorização do homem, se ele pode estar em qualquer lugar, então ele não pertence a ninguém e não se encontra em lugar definido, muito mais ele é o mundo, e todos nós vivemos neste Sertão.

Meu sertão tornou-se sólido na medida em que tive coragem de pisar sobre ele, ou mesmo de cuidar dele, pois, todas as vezes em que ignorei minhas fragilidades, acreditando estar livre delas, meu chão rachou de tanta secura e cedeu. Percebe-se que o solo não permanece firme por todo o tempo, às vezes dissolve-se, despenca e, com o tempo, se refaz.

Construí muitas vezes meu solo, meu eu, meu sertão, meus caminhos. E todas essas sinuosas veredas também passam por tormentas deixando ecos e cacos para serem reconstruídos, assim como Rosa explica (1974, p. 402):

Vai viagens imensas. O senhor faça o que queira ou o que não queira – o senhor toda-a-vida não pode tirar os pés que há de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na quietação do ar. Porque o sertão se sabe só por alto. Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traíçoeiro muito desastroso.

No entanto, o único lugar onde eu me compreendia e me sentia normal era a academia onde eu fazia aula de jazz e sapateado. Nunca comentara esses meus devaneios medrosos com ninguém que freqüentava aquele espaço, apenas captava uma energia diferente que mobilizava meu corpo de uma forma tão fluida, tão natural, que me sentia leve.

Contudo, essa suposta fragilidade verossímil adquirida pela leveza do movimento já incorporado em mim era fruto de um trabalho corporal que investiga a solidez em sua base, permitindo que as demais partes estivessem livres e, conseqüentemente, aptas para realizarem o fluxo de uma dança que permanecesse entre os pólos do conciso e da superficialidade.



Foto: Javier Cencig

Ao atribuir a qualidade “leve” ao ato da dança não significa atribuir-lhe fragilidade, mas nota-se que, ao conseguir exprimir essa qualidade de movimento no corpo, partindo do pressuposto de que haja um pilar forte e centrado, este corpo torna-se capaz de permitir que as extremidades desenhem um movimento como um vôo alado.

A busca dessa leveza que meu corpo expressa naturalmente pode ser observada como uma aparente transcendência dos meus próprios limites. Ao mesmo tempo em que a dança tem o peso do corpo, sua massa, ela me capacita a que, movida por minhas atividades diárias de pesquisa corporal, este corpo seja

independente o suficiente para lidar com os extremos do peso e da leveza, trazendo esses domínios de qualidade de movimento de forma precisa e, principalmente, competente para trazer a leveza para a alma.

Tratando-se da ação de esforço, pesado, no corpo que dança, esta qualidade corporal é adquirida quando o corpo se entrega. Ele só tornar-se-á árduo se, primeiramente, dispuser da habilidade de confiar-se à gravidade para deixar que, espontaneamente, seja levado pelo peso. Tal capacidade exige esforço para que, ao contrário do que se imagina, o corpo fique relaxado permitindo que seja levado pelo fator externo que o conduz, tornando-o pesado.

Para se conhecer o pesado é preciso dominar o leve, e vice-versa, o que torna as duas qualidades opostas, mas ao mesmo tempo dependentes entre si.

Pensando do ponto de vista da dança, a leveza traz uma dimensão de desprendimento, de uma liberdade. Já o pesado, provoca uma virilidade, um estado de entrega e de relaxamento do corpo para a ação da gravidade. E, para ambos os casos, não existe um julgamento de valor, são apenas circunstâncias diferentes responsáveis por sensações diferentes, até porque são frutos do trabalho, da ação, o que, em si, não traz uma carga de fragilidade, mas de força, atividade, de desejo ativo.

Diante dessas percepções, todas as dúvidas que estavam impregnadas em mim tornavam-se secundárias, aliás, não queria nem saber delas naquele momento. Pensar demasiadamente sobre a vida cansa, traz preocupações e desgasta. Há situações em que não conseguimos destrinçar ao todo, pois nem sempre os mistérios serão desvendados. Muito estranha essa vida.

Nas aulas de dança eu conseguia libertar-me de todas essas curiosidades. Meu pensamento trilhava outra direção. Ele adentrava um universo infinito e particular de forma prazerosa. Meu corpo adquiria uma consistência firme, de auto-controle, trazendo um poder ao me impor a mim mesma. Por mais que esse controle fosse ilusório, o que bastava era senti-lo como verdadeiro.

Lá, meu medo era espantado por uma força muito grande que eu adquiria ao entrar em contato com meu corpo dançando.

Fui descobrindo o prazer de estar em contato comigo através das minhas movimentações. A liberação de energia e a entrega corporal traziam-me um contraponto à atitude que eu não conseguia realizar na vida. No dia-a-dia, um medo se apoderava cada vez mais de mim, enquanto que, na dança, eu revelava um poder corajoso de confiar em meu corpo, desenhando movimentos no espaço.

Essa sensação é semelhante com a intenção que desejo passar na *Cena Seis*, da qual falarei no próximo capítulo. Nesta cena, danço levemente minhas próprias fragilidades.

Ali eu estava inteira. Eu vivia por inteiro e não mais pela metade.

Ali eu era eu. Minha fragilidade adquiria outra face. Um frágil forte, sereno e com personalidade própria, assim como Saint-Exupéry descreve essa mesma sensação forte quando a personagem de seu livro se vê sozinha no Saara, à noite, entre a areia e as estrelas (1986, p.60/61):

Não sei o que se passa em mim. Esta força de gravidade me liga ao chão quando tantas estrelas são imantadas. Uma outra força de gravidade me prende a mim mesmo. Sinto meu peso que me une a tantas coisas! Meus sonhos são mais reais que estas dunas, esta lua, estas presenças. Oh, o que há de maravilhoso numa casa não é que ela nos abrigue e nos conforte, nem que tenha paredes. É que deponha em nós, lentamente, tantas provisões de doçura. Que forme, no fundo de nosso coração, essa nascente obscura de onde correm, como água da fonte, os sonhos...

Via-me sonhando com esta vida dócil que, repentinamente, apresentou-se a mim.

Os fatos externos à aula não me abalavam. Pelo contrário, tornavam-se mesquinhos. Eu exprimia minha satisfação dançando.

Todo desprendimento e liberdade que eu atingia com os meus movimentos é que me fortificavam para acreditar que minhas angústias é que

traziam minha própria doença medrosa. Embora eu sentisse, corporalmente, todo o poder da minha fragilidade através da dança, essa auto-confiança novamente era dissolvida, quando meu corpo habitava os solos que me estremeciam. (Novamente observa-se essa sensação muito presente na *Cena Seis*).

Meu olhar interno continuava atento, desejando atravessar o corpo dos outros, atingindo as almas alheias. Roubava-lhes toda a cegueira saudável que eles tinham frente à vida e, por alguns instantes, eu também era mais uma cega que não se preocupava em destringir minuciosamente a realidade, com sua dureza e inconstância, mas, sim, lidava com os fatos que me eram apresentados, e apenas os sentia.

Pude perceber que meu corpo era ágil e dotado de uma sabedoria que me permitia sentir grande e espaçosa. Observei que o despencar é fruto de um tentar, de um arriscar. Que o desequilíbrio é a busca de um eixo que está fora de mim, mas que posso manipulá-lo. Que o gesto, com sua natureza pequena, exprime grandeza invisível aos olhos nus. Que um grande salto traz a leveza de um corpo que se desfaz de seu peso material.

Vivenciar essa cegueira captando esses fluidos de que a dança dispõe fortaleceu-me diante de todos os ventos que me faziam estremecer.

5. Capítulo IV – Água (Cena 6)

Travessias Rasgadas

Identifiquei a mesma sensação de medo, que é expressada de forma tão íntima e pessoal, numa passagem do livro: *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, (1974, p. 83/84) quando o protagonista, Riobaldo, que reconta sua história, se viu diante de uma situação que lhe causou medo:

Quieto, composto, confronte o menino me via. – Carece de ter coragem...- ele me disse. Visse que vinham minhas lágrimas? Dói responder: - Eu não sei nadar. O menino sorriu bonito. Afiançou: - Eu também não sei. Sereno, sereno. Eu vi o rio, vi os olhos dele, produziram uma luz. – Que é que a gente sente quando se tem medo? – ele indagou, mas não estava remoqueando, não pude ter raiva. – Você nunca teve medo? – foi o que me veio de dizer. Ele respondeu: - Costumo não...- e, passado o tempo dum suspiro: - Meu pai disse que não se deve ter...Ao que meio pasmei. Ainda ele terminou: - Meu pai é o homem mais valente deste mundo. Aí o bambalango das águas, a avançada enorme roda-a-roda – o que até hoje, minha vida, avistei, de maior, foi aquele rio. Aquele, daquele dia. As remadas que se escutavam, do canoeiro, a gente podia contar, por duvidar se não satisfaziam termo. – Ah, tu. Tem medo não nenhum? – ao canoeiro o menino perguntou, com tom. – Sou barranqueiro! – o canoeiro tresdisse, repontando de seu orgulho.

Esse trecho reflete a mesma sensação que tinha ao observar a coragem do outro diante do meu medo, o qual se solidificava mais fortemente na medida em que eu temia uma morte repentina, quando o pânico roubava minha alma.

A metáfora estabelecida com o elemento água inicia-se com a primeira grande travessia de Riobaldo sobre as águas do rio. Uma vez que esta personagem adentrou o mar de águas e, pela primeira vez, testou sua suscetibilidade, vulnerabilidade e coragem, Riobaldo foi obrigado a ter consciência

do dinamismo imanente. Durante a travessia, ele esteve rodeado de imagens moventes, o que o fez sentir-se frágil.



Foto: Izabel Goudart

Ao experimentar uma grande sensação de medo tomando seu corpo Riobaldo espelha-se na coragem alheia de Diadorim e do canoeiro, e a passagem de uma margem à outra transforma tudo em incerteza e inconstância. É diante desta mobilidade duvidosa que o permeou não só neste momento, mas em inúmeros outros, que ele se pergunta muitas vezes: “Viver não é muito perigoso?”.

E foi diante desta descoberta que aprendi a ter coragem de viver, embora sempre tenha acreditado que viver fosse muito perigoso.

Essa cena em que Riobaldo avista o rio pela primeira vez e se vê diante desse grande obstáculo é muito significativa na sua vida, uma vez que, nesse momento, inicia a travessia pela vida. A personagem tem sua primeira lição de coragem ao ouvir o menino ordenar ao canoeiro: “Atravessa!” (1961, p. 83).

Foi a primeira travessia de Riobaldo, que carecia de muita coragem!

A passagem por esse rio não se limita apenas ao aspecto físico de uma margem à outra. Essa cena traz consigo uma carga simbólica oculta que se refere a uma mudança de posição do próprio protagonista, na qual deixa de ser um mero espectador, tornando-se um agente que se move junto com a dinâmica da vida.

Essa travessia tão significativa para Riobaldo pode ser comparada à minha primeira travessia de vida que iniciou quando escorreguei no poço adentro e, em seguida, fui removida novamente à margem, no topo, por meio de um balde sustentado por uma corda.

É como se eu tivesse emergido novamente para a vida sob um outro olhar, que traz textura e dimensão, e que fora modificado por esse suposto “rito de passagem”. Toda transformação se deve à força adquirida ao atravessar as perturbadoras experiências íntimas que, automaticamente, nos revigoram, fazendo-nos ceder a uma existência plenamente responsável e aberta ao crescimento espiritual.

Eliade (1956) explica que esses rituais e simbolismos da “passagem” exprimem uma concepção específica da existência humana, uma vez que o processo de desenvolvimento do homem não está acabado.

Além das iniciações básicas como: batismo, casamento e morte, as quais provocam grandes transformações no homem, existem outras iniciações que são equivalentes às travessias individuais e, portanto, diferente para cada um.

Eliade (1956) atribui à iniciação um estado em que se conhecem os mistérios, a verdadeira dimensão humana. A cada travessia sucedida, o homem simbolicamente renasce.

O mito do rito iniciático é representado pela figura de um monstro que absorve em seu ventre o iniciante, para depois devolvê-lo ao renascimento. Eliade (1956, p. 152) explica:

Penetrar no ventre do monstro – ou ser simbolicamente “enterrado”, ou ser fechado na cabana iniciática – equivale a uma regressão ao indistinto primordial, à noite cósmica. Sair do ventre, ou da cabana

tenebrosa, ou da “tumba” iniciática, equivale a uma cosmogonia. A morte iniciática reitera o retorno exemplar do Caos, para tornar possível a repetição da cosmogonia, quer dizer: preparar o novo nascimento.

Outra forma de renascer simbolicamente pode ser também através da agitação dos ventos. Brandão (1991) cita que a palavra alma, em grego, significa “sopro” e, em algumas tradições, esse sopro é o intermediário entre o Céu e a Terra. Dado o exposto, o autor comenta alguns significados dados a esse vento em cada tradição.

Aproximo-me desses significados, uma vez que trazem sentidos que se assemelham, de alguma forma, com os ventos simbólicos que me atravessaram, como por exemplo, a idéia de que este sopro quebra, penetra, e purifica. Já em outras tradições, ele é o suporte do mundo e o elemento regulador do equilíbrio cósmico.

Sinto que esse vento, que inúmeras vezes atuou sobre mim, da mesma forma que me tirava do eixo, propunha-me uma auto-regulação na busca do retorno do meu próprio eixo.

Tanto o elevador quanto o avião, os quais normalmente propiciavam a atuação desses “ventos” sobre mim, ambos sinalizam caminhos que permeiam a altura e um grau de isolamento, o qual reflete também uma desconexão com a terra firme que nos traz sustentação. Esse deslocamento, concluído no trajeto de descida e subida, deixou marcas indeléveis em mim.

No caso do poço, ao contrário da sensação do elevador e do avião, ele me levou para uma profundidade regada pelo excesso de terra. Embora não estivesse desconectada do mundo pela altura, estava desconectada pela profundidade.

Simbolicamente, fui tragada para o ventre do monstro para renascer. Essa foi minha primeira travessia. E nela, não me faltou coragem, era muito pequena para compreender tal dimensão desse acontecimento. Atravessei-a, sem hesitar.

Também, passei de uma situação de mera expectadora para uma agente ativa da realidade mundana. Tive que me mover conforme o movimento do meu chão que estremecia, onde tudo que era firme, de repente se dissolveu.

Rosa define bem esse processo (1974, p. 395): “O sertão não chama ninguém às claras: porém, se esconde e acena. Mas o sertão de repente se estremece, debaixo da gente.”

Fui sugada chão abaixo.



Foto: Izabel Goudart

No entanto, na *Cena Seis*, proponho um momento sublime, em que novamente sou engolida pelo poço, obrigando-me a descer no que há de mais profundo, mas dessa vez, não preciso de apoios e nem paredes para permanecer no eixo. Eu mesma provoco um rompimento com a escuridão que tenta me adentrar.

No início, apenas algumas gotas de água caem sobre mim fazendo meu corpo vibrar e pulsar. As duas faixas laterais do figurino, da blusa, compostos por um tecido especial, se desfazem em contato direto com a água, rasgando-me inteira. Meu figurino transforma-se por completo e uma força titânica, reclamante de expressão transborda sobre mim.

Danço sob essas águas que pingam incessantemente e por meio de giros e torções, meu corpo realmente se torce como se estivesse secando, mas é impossível, pois as águas não se cansam de despencar. Neste torcer, simbolicamente, caem gotas de sangue diante de tantas feridas expostas e abertas. A cor desse tapete de terra, que, na verdade é um cimento avermelhado, funde-se à água, que é incolor, trazendo-lhe cor e vida.

Ao som de um sax, meu corpo transcende às ambigüidades da água: ao mesmo tempo em que provoca destruições em mim com seu poder desorganizador; ela me inunda e me encharca trazendo intensidade e força, o que me faz superar essas feridas transformando esse buraco num espaço acolhedor e adaptável. A água me purifica, me lava, me regenera, me faz renascer.

Ao finalizar a cena ainda imersa neste poço, concedo-lhe o poder de modificar-me, pois absorvo esta queda não mais como negativo, porém, como uma desconstrução necessária para seguir adiante, mesmo com todos os rasgos que um dia me dilaceraram.

Novamente referindo-se à cena em que Riobaldo avistou pela primeira vez o rio, repara-se que ele deparou, perplexo, com a imensidão das águas. Embora não tenha tido contato direto com ela, foi pela canoa que Riobaldo foi conduzido à outra margem, muito temeroso do balançar das águas.

Esta passagem simboliza um rito que, mesmo que não tenha sido por contato direto com as águas, ele precisou atravessá-la de alguma maneira, tornando sua travessia uma trilha instável e frágil, a qual o transportou para algum destino.

A água é o elemento que mais simboliza a transitoriedade, assim como as instabilidades do sertão físico e metafórico e todos os meus medos descritos anteriormente, os quais me dominavam fugidamente.

Ao impedir a fluidez desses segmentos externos, estamos cortando o fluxo temporal, propondo o congelamento de tudo que se move. No entanto, essa paralisação só seria possível com a morte.

Nessa ausência, estática, tudo se estabiliza e nada se transforma. Por isso, Riobaldo fala do medo da vida e não da morte (1961, p. 49): “Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério.”

Fazer analogia com o percurso da água implica colocar em evidência o tema sobre o qual Bachelard (1998, p. 7) discorre: “o sofrimento da água é infinito.”

As águas sempre caem, correm, escorregam, deformam-se, dissolvem, recompõem-se e sempre acabam numa morte horizontal. É um ser em vertigem.

Essa realidade não é muito diferente dos tropeços humanos. Por muitas vezes, senti-me caindo, mesmo estando em chão firme; por outras, corri de medo de algo, escorreguei, acreditando estar em chão áspero. Deformei-me internamente, dissolvi-me para me recompor. Essas travessias lembram o percurso das águas e, por isso, a importância desta no vídeo.

Riobaldo foi tomado por uma força hipnótica que o fez temer não só o infinito das águas, como sua profundidade. Adentrar esta água por meio da canoa o fez perder, momentaneamente, as referências estáveis que o norteavam.

Eliade (1956, p. 29) denomina esta ausência de referência como um universo profano:

onde não há “mundo”, há apenas fragmentos de um universo fragmentado, massa amorfa de uma infinidade de “lugares” mais ou

menos neutros onde o homem se move, forçado pelas obrigações de toda existência integrada numa sociedade.

Ao desconectar-se de um espaço que pressupõe um centro de orientação, Eliade (1956) o retrata como um espaço não religioso, como uma realidade que se mistura a uma imensa extensão envolvente.

O espaço religioso o qual menciono não se refere, neste caso, a um espaço restrito de rezas, entretanto, estende-se esse pensamento para uma experiência que traga uma referência simbólica de algo religioso individual.



Foto: Izabel Goudart

Dizer que Riobaldo perdeu seu ponto fixo e, portanto, seu universo religioso, é como se este, metaforicamente, tivesse sido lançado a uma outra realidade na qual o protagonista seria obrigado a procurar seu “Centro”, seu ponto permanente, como forma de sobrevivência.

A busca desse espaço religioso que traduz um significado para cada um dignifica uma estrutura forte e diferencial não pelo seu aspecto físico, mas pela importância que cada um atribui a determinados espaços que nos acolhem.

Riobaldo, ao ser movido pelo fluxo natural da vida, sentiu-se sem estrutura e sem consistência no momento de ruptura com seu espaço sagrado, despertando-o a refazê-lo no meio da correnteza.

Ser movido a buscar novos pontos fixos significa também ingressar nos caminhos do auto-conhecimento que nos levam ao encontro do nosso “eu” e do nosso “centro”.

Para a construção deste vídeo, senti-me reconstruindo minha morada, instigando novos centros e novas referências de acordo com a correnteza que me encaminha para os diferentes espaços, desafiando o fluxo contínuo permitindo que a fragilidade ingresse em meu corpo e a profundidade se instaure sob meus pés.

Assim como a água propõe um constante movimento, a vida também corre em direção a um destino. Diante dos meus medos, por muitas vezes perdi meu ponto fixo, meu centro, e minha direção diluiu-se no espaço, perdeu-se.

Inúmeras vezes, precisei retomar-me para buscar um outro eixo que conduzisse a um novo sentido trazendo-me segurança para eu reconstruir meu espaço religioso e, portanto, o encontro do meu centro.

A água sempre desliza rumo ao encontro de um ponto fixo, onde se estabelece seu término, sua queda ou sua ausência de movimento, caracterizando sua finitude. No entanto, ela usufrui de um poder que a faz ressurgir, sempre renascendo, fundindo-se e escoando novamente num constante deslize.

Garbuglio (2005) explica que o recontar da história pelo próprio personagem, Riobaldo, é composto por várias vertentes, com avanços e recuos

para que o leitor possa compreendê-lo melhor a partir de suas rupturas e reflexões diante de algo que já acontecera. O autor aponta que, durante toda a história, o movimento traz sempre uma realidade movente e dinâmica (2005, p. 26): “apoiando-se numa palavra que reflete a mesma angustiante fluidez das coisas, impositora daquela mobilidade incontrolável.”



Foto: Izabel Goudart

Atravessar sob a superfície desta profundidade o atormentara e, a partir dessa experiência, ele se mostrou absorvido pela idéia de descortinar os fundamentos da existência.

No caso de Riobaldo, não é por acaso que sua primeira travessia tenha se dado nas águas. Além de ser um elemento nutriz por excelência, é também a idéia de travessia que passa a adquirir conotações variadas como grande e dominadora metáfora, abrangendo não só o romance, como esta dissertação também.

Garbuglio (2005) define esta travessia a partir do momento em que o protagonista diferenciou-se dos demais ao assumir seu medo e ser encorajado a enfrentá-lo, isto é, iniciou-se sua passagem pelos imprevistos da vida.

De forma análoga, adentrei a profundidade do poço e vivi, por alguns instantes, numa nova estrutura, distanciando do meu ponto fixo que se encontrava na superfície do buraco. Perdi as referências.

Dolorosamente, desci mergulhando até encontrar um chão que me acolhesse. Não fui conduzida literalmente pelas águas, como Riobaldo o foi, pelo contrário, atravessei a seco. Embora não tivesse água para me conduzir ou me fundir a ela, qualquer travessia demonstra seu espaço movente independente dessa figura líquida.

Esse ritual de passagem em que fui obrigada a penetrar, devido a um deslize acidental, provocou uma transformação em mim. É uma abertura para o mundo e o deslumbramento de um novo “habitat”. Tive que tecer ao meu redor um sistema de relação mais complexo para que eu pudesse aceitar aquela condição.

Foi a partir dessa queda, que comecei a descortinar as complexas vertentes da vida. Na verdade, só dei-me conta da importância do que se instalara sobre mim, a partir desse acontecimento, algum tempo depois.

As metáforas, neste trabalho, atribuídas à água e ao sertão, embora sejam antagônicas, ambas trazem uma força capaz de transformarem-se em realidade afetiva, convertendo-se numa imagem interiorizada que Garbuglio (2005,

p. 69) descreve como uma idéia rica em “subjetividade e com dimensões ilimitadas.”

Da mesma forma, ao mencionar o sertão e as águas, neste trabalho, eles não constituem a projeção ou a transcrição pura e simples da realidade física de ambos.

A realidade objetiva deforma-se para ganhar em dimensão interna. Garbuglio (2005, p. 71) comenta sobre esta interiorização:

é um realismo que permite o encontro da realidade humana mais profunda, projetada a partir da imagem que permite a recristalização da realidade, dentro da dimensão do homem do sertão e sua psicologia, com sua mais profunda e verdadeira caracterização.

Ao falar sobre a água como um elemento que permeia não só por um viés metafórico, existente na imaginação, mas também por um deslize dela na própria existência real, Bachelard (1998) a compreende como um tipo de destino.

O que justifica tal percepção é justamente porque sua natureza é ser móvel e não fixa. E é com esse aspecto que identifico que necessito da aproximação com este elemento.

Durante a *Cena Seis*, a água escorre sobre meu corpo e, a partir do momento em que desliza sobre mim, ocorre um deslocamento da camada que se tornou inerte, sugerindo imediatamente um destino a ser alinhavado, uma vertente para adentrar, invadir ou transpassar. Ela propõe um destino a ser traçado, a ser levado. Entrar em contato com ela significa permitir-me ser envolvida, deixando-a conduzir consigo um pouco da matéria que lavou.

Durante a pesquisa para produzir meu figurino, descobri esse tecido que, em contato com a água, desmancha-se, dissolvendo-se completamente nela, sem deixar nenhum rastro. O efeito produzido por esse desaparecimento fascinou-me de imediato.

Diante dessa experiência, a composição do figurino é uma criação baseada na idéia do desfazer-se. Esse desejo pautou na desconstrução do tecido remetendo à sensação do frágil, não só do meu corpo, mas em tudo em que me compunha.

Tal conceito do desmanchar-se, assim como a serpente que morre e ressuscita largando sua pele para renovar a vida, desaguou inevitavelmente no universo da água.

Esse tecido foi fundamental para eu agenciar o meu desejo de relacionar-me com a água, aliado à transparência perceptível aos olhos nus do que ela causava sobre mim.

Ainda na *Cena Seis*, quando a água escorre sobre minha roupa no lugar compreendido pelo desenho deste tecido específico sobressalta minha pele. É como se esse tecido simbolizasse minha camada antiga, pronta para ser renovada.

Desta vez, porém, o rasgo impresso na minha roupa permanece, pois não posso remendá-lo. Transformo-me e deixo em evidência uma cicatriz que não se apagará. Eu atravesso meu medo, mas a marca que ele deixou sobre mim é indelével; por isso, a roupa também permanece com os rasgos, que é o que a identifica com sua história.

Tendo em vista a importância do figurino, sinto que, neste trabalho ele teve um empenho e uma função exímia diante do discurso que proponho. Essa roupa é muito mais do que um simples acessório e, neste caso, ela também é incumbida de uma função, pois ajuda a externar minhas fragilidades e a compor a purificação e destruição causada pela água.

A dissolução do tecido, causada pela água sobre a pele designa o desaparecimento de uma camada que já foi inerente à minha pele e, ao desfazer-se junto com a água, esta leva consigo um pouco de mim, um pedaço supostamente desprovido de vida.

A *Cena Seis* representa com muita intensidade a fragilidade que, desde o início, desejei que estivesse presente neste trabalho. A dissolução da roupa é um marco importante para dar continuidade a mais um renascer.

De acordo com o roteiro elaborado para o dia da gravação, essa *Cena Seis* estava prevista para ser gravada debaixo, com a câmera na posição Contra-Plongé em diagonal, tendo como ângulo meu corpo dançando e o buraco acima de mim.



Foto: Izabel Goudart

Sob esse foco, a intenção era a de remeter essa linha diagonal para cima como se meu corpo almejasse acompanhar essa linha que se finalizaria fora do buraco, e eu sairia correndo rumo às escadarias.

No entanto, essa Cena foi gravada de cima para baixo, assim como a cena inicial do vídeo e, quando eu deveria finalizar essa Cena, fiquei atrapalhada com as mudanças e permaneci naquele espaço.

Impossibilitada de regravar a *Cena Seis*, assumi esse desfecho como parte das minhas intenções adaptando-as à minha idéia inicial, esboçada no roteiro, com a imagem real, que já estava impressa no vídeo.

Permanecendo imersa neste buraco fortaleço a idéia de que este espaço, que um dia fora inóspito, foi transformado por mim mesma. Adentrá-lo já significa ter um novo olhar, estar modificada.

Uma maneira encontrada para finalizar essa Cena, descolando-se da idéia de permanecer onde se iniciou, foi colocar a cor branca, transportando a imagem do poço para um espaço de renovação, ainda sem memórias, branco, aguardando que os próximos capítulos, presentes na imaginação do espectador, sejam responsáveis pela inserção de cores e vida!

6. Percepções: o fio que conduz o balde

Durante muitos anos, vivi tensa sob a pressão do medo do término da vida e do meu momentâneo descontrole seguido de um silêncio irreversível. No entanto, nunca me passara a idéia de que o medo do fim simbolizava primeiramente o temor diante de alguma travessia, ou seja, antes de atravessar rumo a outra margem, eu antecipava o pavor da figura da morte.

Ao recriar minha história, aproximei-me da linguagem figurada para transformar a experiência vivida em imagens. Observo que sempre acreditei em um grande equívoco: meu medo não era necessariamente do fim, mas da coragem que deveria assumir para atravessar as águas, que nunca estão paradas. Para isso, eu tive de me mover junto com a correnteza, de maneira a modificar-me, em um processo de crescimento, enfrentando os estorvos, rasgando-me inteira, se necessário, desnudando-me para ir de encontro ao aprendizado da coragem.

Meus bloqueios e medos não me permitiam enxergar a outra margem do rio, ou seja, o outro lado, que sempre estava vinculada a uma possível terceira margem, representada pelo fundo do rio, significando a inexistência de vida humana. O trajeto era sempre tão árduo, turbulento e cheio de meandros que era inconcebível avistar além dessa barreira densa. Somente depois de muitos conflitos internos, vozes que soavam em meus ouvidos, e a necessidade de mover-me junto com essas águas, para não estagnar-me nessa terceira margem, é que consegui libertar-me das minhas próprias amarras e projeções confiando na vida assim como ela nos apresenta em sua realidade.

Todo o discurso de medo e coragem tornou-se insignificante diante de uma nova dimensão que misteriosamente se apresentou. Reviver e recontar todas essas percepções, tocando a base mais profunda de mim mesma, embora seja uma fonte inexaurível de informações e descobertas, preencheu todo o espaço, congelando o tempo. Senti-me em um tempo prolongado em que aparentemente

nada acontece, nada urge. Simplesmente, há um vazio branco, abundante, cheio de luz, de uma realidade que nada mais é do que o espelho do real.

Compreendo esse momento suspenso e prolongado, mas fugaz, como um entendimento de que não existem mais sussurros, vozes, nem fantasmas e fantasias que sejam fortes o suficiente para impregnarem sobre mim.

Em estado de epifania olho para trás e vejo toda uma história impressa no papel, com uma dimensão gigantesca e que só pertence a mim, pois ela representa a minha individualidade e a minha memória mais íntima e, de repente, o meu chão cede e sinto-me no mesmo lugar, como se nenhuma estrutura tivesse sido abalada, e permaneço observando o meu passado.

Todas as tempestades que um dia me afetaram, curiosamente, hoje, estão distantes, tão longínquas que não me permitem enxergar a poeira, o vento, a neblina, o chão e o buraco. Essas questões já saíram de cena, e por isso, meus olhos passam de maneira invisível à bagunça que um dia se fez nesse espaço.

Minhas lentes estão transformadas pela ação do tempo e pelos estilhaços que, um dia, foram colados deixando marcas do remendo. Todas as vezes que minha alma foi rasgada imediatamente tentei curá-la, improvisando um meio de escondê-la, com o intuito de amenizar as aparências de uma ferida latente. No entanto, inevitavelmente, em algum momento, essa costura voltou a ceder, e os frágeis fios não suportaram a pressão externa e foram alvos de uma nova destruição.

Com efeito, diante de seqüenciados rompimentos, e diante da coragem que este trabalho me obrigou a assumir, optei por não mais esconder esses espaços irregulares que se abriam naturalmente sem que eu pudesse evitar. A solução encontrada para expor essas aberturas, tal como elas um dia atuaram fortemente sobre mim, foi metaforizada pelo tecido do figurino que, em contato com a água, desfaz-se, deixando expostas as rachaduras evidenciando as transformações.

Trazer todas essas percepções e reorganizá-las sem perder a intenção verdadeira dessas fragilidades foi o maior desafio deste trabalho. Transferir essas

idéias fortes e fervorosas para um roteiro em dança e, posteriormente, para a tela, trouxe-me reflexões instigantes a respeito da questão prática da relação da dança com a lente da câmera.

A experiência do dia da gravação, referente a esse trabalho, despertou-me para realizar, em uma próxima pesquisa, os fatores que devem ser analisados, tanto o que concerne à questão espacial quanto à movimentação da câmera, para que realmente o vídeo tenha uma boa exploração em ambas as linguagens.

Se por um lado a produção da dança em vídeo pode ser mais acessível pela facilidade de difusão, por outro, ela também pode ser limitante, pois as percepções para um corpo que dança diante de uma câmera, tendo em vista um foco com um espaço delimitado, não é a mesma percepção de um corpo que dança no palco diante de um público ao vivo. São concepções diferentes que solicitam olhares para além do palco, além da dança e além do foco, considerando também que haja uma outra perspectiva sob o ponto de vista temporal das cenas.

Para que um vídeo-dança não tenha a dança restringida por conta do espaço ou da câmera, detectei que é necessária muita habilidade de experimentações práticas para que a dança não perca a ousadia de suas movimentações para adaptar-se às demais questões.

Neste sentido, identifico que o vídeo-dança desenvolvido nesta pesquisa poderia ser melhor desenvolvido no que se refere às questões de exploração das potencialidades do movimento da dança acoplados à intervenção das variantes de captação do vídeo. O olhar do espectador é manipulado pelo foco da imagem recortada e, para isso, a câmera tem que estar muito sintonizada com o bailarino, senão seus movimentos podem escapar do olho da lente. Além disso, a seleção das imagens é um processo de síntese que muda a percepção de tempo para a dança no vídeo.

Percebo que a preocupação maior com este trabalho foi focada em conseguir resgatar minhas memórias e transformá-las em imagens e sensações que sugerem o encontro com minha própria liberdade e transformação. Embora tenha me preocupado com a imagem da dança no vídeo, dediquei-me mais às

questões intencionais dos meus desejos sem ter dado muito tempo para as experimentações práticas. Devido a isso, tive de improvisar diante das dificuldades técnicas.

Ao ver o trabalho finalizado e a imagem já concretizada na tela, percebo o quanto a imagem possui o poder de repassar, em poucas cenas, tudo isso que abordei nessa escrita. Tentando tomar uma distância deste trabalho para analisar uma característica marcante dessas cenas todas, identifico um corpo preso, fragilizado pela condição espacial que me sufocou. Tal observação é bem fiel ao meu discurso medroso enjaulada em mim mesma.

Como o vídeo foi pensado a partir das impressões escritas e, portanto, realizado na etapa final deste processo, tive dificuldade em descrever as cenas que compõem o vídeo, pois, ao meu ver, estas cenas já estavam enraizadas neste texto no discurso das minhas sensações frágeis. Vejo que este discurso está impregnado nas cenas, mas em forma de imagem.

A imersão em que me vi diante do desejo de externar minhas fragilidades fez-me sair da condição de vítima para uma condição atuante e dinâmica. Dilacerei-me neste processo e, por muitas vezes, meu próprio discurso sufocava-me. Em resposta a esse estado aprisionante em que me encontrava, vi-me obrigada a lançar-me contra essas memórias que me engessavam.

Tive que reagir senão não suportaria minha eterna condição frágil. Não pude mais aguardar que me chegassem com o balde, suspenso por um fio, que me conduziria a um caminho aparentemente certo. Eu mesma arremessei-me em possíveis “baldes” que me transportassem de novo para a realidade.

Hoje não me apego mais aos barulhos do elevador, aos devaneios das minhas vozes, nem às projeções dos meus medos fabricados. Simplesmente prefiro não antecipá-los nem criá-los. Opto por confiar nas coisas como elas são, e acreditar que sempre o sol voltará a brilhar, por mais escuro que me pareça estar.

É noite. Sinto que é noite. Não porque a sombra descesse (bem importa a face negra), mas porque dentro de mim, no fundo de mim, o grito se calou, fez-se desânimo. Sinto que nós somos noite, que palpítamos no escuro e em noite nos dissolvemos. Sinto que é noite no vento, noite nas águas, na pedra.

E que adianta uma lâmpada? E que adianta uma voz? É noite no meu amigo. É noite no submarino. É noite na roça grande. É noite, não é morte, é noite de sono espesso e sem praia. Não é dor, nem paz, é noite, é perfeitamente a noite.

Mas salve olhar de alegria! E salve, dia que surge! Os corpos saltam do sono, o mundo se recompõe. Que gozo na bicicleta! Existir: seja como for. A fraterna entrega do pão. Amar: mesmo nas canções. De novo andar: as distâncias, as cores, posse das ruas. Tudo que à noite perdemos se nos confia outra vez. Obrigado coisas fiéis! Saber que ainda há florestas, sinos, palavras: que a terra prossegue seu giro, e o tempo não murchou; não nos diluímos! Chupar o gosto do dia! Clara manhã, obrigado, o essencial é viver!"¹

¹ In Poesia e Prosa de Carlos Drummond de Andrade (1992, p. 108/109).

Bibliografia

1. Bachelard, Gaston. **A Água e os Sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
2. _____. **O Ar e os Sonhos**. Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
3. Brandão, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Volume I. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1991.
4. Campbell, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Editora Pensamento LTDA, 1949.
5. Campbell, Joseph. **O poder do Mito**. Com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers; tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
6. Cordeiro, Ana Maria et al. *Posídon: Senhor dos mares internos e externos.*, In: **Mitologia Simbólica: Estruturas da Psique & Regências Míticas**. Org: Maria Zélia de Alvarenga. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
7. Durães, Fani Schiffer. **O Mito de Fausto em Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.
8. Eliade, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A Essência das Religiões. Livros do Brasil, Lisboa, 1956.

9. Garbuglio, José Carlos. **Rosa em 2 Tempos**. São Paulo: Nankin, 2005.
10. Rosa, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 9ª Edição, 1974.
11. Jung, Carl. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1971.
12. Jung, Carl. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 9ª edição, 1963.
13. Andrade, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
14. Saint-Exupéry, Antoine de. **Terra dos Homens**. Tradução de Rubem Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
15. Tarkovsky, Andrei. **Esculpir o Tempo**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ANEXOS

ROTEIRO DO VIDEO

IMAGEM

SOM

Cena 1 –

Close nos braços

Percussão

Meus braços estão segurando um braço masculino.

Seguro fortemente, pois é meu único suporte. Seguro com as duas mãos, mas não é suficiente; por isso, nossos braços vão se escorregando até que se soltam.

Cena 2 – Um buraco, o poço. A câmera está em posição Plongée PG sobre meu corpo, focando o buraco e eu, dentro.

Inicia um teclado

Termina a batida de percussão

Entra uma voz

Meu corpo cai deitado no chão e a mão masculina permanece em cena, mas vai saindo aos poucos.

Levanto-me dirigindo meu olhar e meu foco para cima. Meus braços também apontam para a saída desse buraco.

Rodo no meu eixo e sempre me movimento, tendo como foco esse olhar e a intenção de estar conectada com esse buraco acima que traz conexão com a superfície.

Essa cena está com a velocidade um pouco mais baixa, trazendo intensida-

de e dramaticidade para a cena.

Termino parada com um braço erguido, olhando para cima e, aos poucos, se aproxima de mim e a imagem fica embaçada.

Cena 3 – Dentro do poço. Câmera na posição normal.

Dou continuidade à cena anterior levantando o outro braço para cima e o olhar sempre atento na direção do buraco.

Meus braços caem, abaixo e subo lentamente.

Reconheço o espaço dançando lentamente, com movimentos pequenos. Giro ao redor de mim mesma reconhecendo-me no espaço. Foco nos meus braços que depois descem lentamente sobre meu corpo em movimento.

Rompo a lentidão com um giro rápido, com uma suspensão, e encosto na parede. Foco nos meus braços encostados nela.

Movimento-me apoiando na parede, sentindo a firmeza desses tijolos que sustentam meu peso sobre ela.

Ao mesmo tempo em que me apoio, exerço pressão sobre essa parede e

Volta a percussão

Percussão mais acentuada e sai a voz. (Só percussão).

desgrudo-me dela.

Termino abaixada, com o corpo fora de cena, apenas a cabeça à vista.

Cena 4 -

Foco na minha cabeça. Sobre a parede em que minha cabeça está encostada, cai água.

A câmera inicia embaçada, a câmera gira em torno de seu próprio eixo e, aos poucos, vai deixando a imagem mais nítida.

Abro os braços longamente e os puxo para cima num impulso. Esse movimento traz uma mudança de dinâmica forte, exibindo a fragilidade do fraco e do forte. Encosto na parede em que escorre água e sempre a uso como apoio, suporte. Despenco sobre mim mesma.

Rodo sobre meu eixo reconhecendo meu espaço e sempre atenta. Sigo adiante querendo adentrar um pequeno corredor estreito e escuro. Aproximo-me dele, mas retorno, desconfio e fico com medo.

Volto em direção à câmera, girando, e ela foca meu corpo em PM. É como

Continua a percussão e entram vozes.

Sai a percussão

se eu estivesse buscando outra saída, mas essa não existe, por isso tenho que continuar adiante.

Retorno à direção que eu seguia e ouso os primeiros passos nessa travessia. Ao mesmo tempo em que quero ir, por vezes recuo, ou desacelero o movimento.

Atravesso esse espaço estreito sempre tocando as paredes, apalpando-a buscando firmeza nesse espaço, mas ao mesmo tempo ocorre um sentimento de repulsão.

Chego ao fim e vejo uma projeção de luz adiante. Permaneço neste limiar, entre a saída da minha travessia, um pouco escura, e o espaço novo que se apresenta adiante.

Meu corpo fica contra a luz e por isso fica escuro. Tento sair dessa travessia, mas meu corpo ainda cede sempre querendo voltar ao espaço estreito de onde veio.

Meus braços movimentam-se agitados, incomodados. Por vezes, aparece apenas minha sombra na parede iluminada pela luz.

Levemente entra um som de vento

Dou mais intensidade aos meus movimentos como se estivesse com medo.

Destaco a manga do braço direito e, ainda me movendo, tiro-a, como se quisesse libertar-me de mim mesma. Encosto o braço na parede, já sem a manga e paro de movimentar-me.

Cena 5 – Minha imagem refletida na água.

Movimento firmemente meus braços, rápido, e a água se move de acordo com minha intensidade. Alguns pingos de água também permanecem caindo fazendo-a vibrar.

De repente, termino agachada, como se estivesse buscando meu eixo, meu estado de calma.

Observo minha imagem através da água, lentamente abro meus braços tentando reconhecer-me através do reflexo.

Tiro a manga do braço esquerdo, movo meus braços nus, sem mais as mangas.

Levanto-me, abro os braços, cai uma gota sobre a água deixando esse reflexo balançado pelo movimento pequeno da água.

Sai o som das vozes e permanece apenas o barulho do vento, mas já finalizando também.

Apenas o barulho de gotas de água.

Inicia um som de sax, que permanece junto com o barulho de pingos de água caindo sobre o chão.

Cena 6

Meu corpo está deitado no chão, dentro do buraco, a câmera está plongé em PG sobre mim.

A água começa a cair sobre mim e não pára até o final desta cena.

Close no detalhe da minha blusa que se desfaz, enquanto a água cai sobre mim.

Viro de costas, ainda deitada, a imagem desfoca um pouco, mas já retoma.

Aos poucos, vou levantando, com as costas em evidência mostrando o rasgo da roupa.

Alterno movimentos um pouco lentos sendo rompidos por giros mais dinâmicos.

Giro sobre meu eixo, a imagem desfoca, abro os braços rapidamente, como se estivesse à beira de sair de mim por um desespero, mas a imagem retoma o normal.

Minha roupa já está rasgada, minhas costas estão à vista, aberta.

Faço movimentos de expansão e de recolher-me, de voltar ao meu eixo.

Continua o sax

Por várias vezes, eu agacho, procuro meu eixo, e meu corpo lentamente vai se reestabelecendo.

Alterno o ritmo dos meus movimentos, entre o lento e os giros mais rápidos.

Levanto os dois braços para cima como se quisesse alcançar o que está além deste buraco, girando em torno do meu eixo.

A câmera aproxima-se do meu corpo, e vou diminuindo o ritmo do movimento. Termino agachada, abro meu corpo para trás, apoio uma mão no chão, a outra permanece apontando para cima e, de repente, esta abaixa. Termino com o corpo numa posição aberta e rasgada e a cabeça despencada para trás.

A câmera distancia, gira em torno do próprio eixo e me perde de vista. A tela fica preta.

Termina o sax e fica apenas o barulho de gotas.